

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA

Lucas Dias Rembold

**A “ROVS” NO SÉCULO XXI E O DISCURSO NACIONALISTA RUSSO**

Santa Maria, RS  
2023

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho, e minha graduação, com certeza não sairiam do papel sem ajuda de muitas pessoas, apesar de não ter páginas o suficiente para isso, aqui fica o esforço para agradecer as mais importantes

Primeiramente agradeço a Nair, minha vó, que sem dúvida é pessoa mais importante para que esse trabalho, minha graduação e minha vida tenham tomado esse rumo. Obrigado por todo o apoio incondicional que me deu em todas as situações difíceis que tive na vida, por todos os momentos bons, por todas as xícaras de café e visitas a Santa Maria. É com certeza a pessoa mais importante na minha vida. Sem ela nada disso seria possível. Infelizmente não tenho como agradecer o suficiente nessa seção, senão não vai sobrar espaço para mais ninguém.

Muito importantes também foram os meus tios, Sandro e Sérgio, por terem me recebido em Santa Maria e me apoiado durante todo o curso, e terem me ajudado a manter a sanidade durante a pandemia. Muito obrigado por terem me “alugado” um quarto, e por todas as outras um milhão de coisas que fizeram por mim (mas aí vai ocupar todo o agradecimento). Agradeço ao Sandro, em especial, pelas revisões da quantidade obscena de vírgulas das primeiras versões desse trabalho, e por todos os exercícios de “onde tá o verbo nessa frase?” (e o mapa também é obra dele). Ao Sérgio agradeço todo o apoio moral e emocional (e de bolos) que ele me deu mesmo “não sendo nada meu”. Sem vocês nada disso aqui teria saído, muito obrigado por tudo.

Agradeço ao meu pai, Leandro, e minha mãe drasta, Ziandra, por todo apoio que me deram desde a notícia que tinha passado pra UFSM até agora. Apesar da distância vocês foram essenciais para que esse trabalho, e minha graduação fossem possíveis, e sempre me apoiaram em absolutamente tudo que fiz na vida, sempre me motivando a continuar e alcançar novos objetivos. Também agradeço a meu irmão Bernardo por todos os momentos de alegria que me proporcionou e que, mesmo a distância, é uma das pessoas mais importantes na minha vida. Muito obrigado por tudo.

Agradeço a minha orientadora, a professora Nikelen, por toda a ajuda (e mais correções de quantidades obscenas de vírgulas). Apesar de chegar na sua sala extremamente perdido em como botar esse projeto ambicioso, de falar sobre uma organização estrangeira que nem a língua compreendo, me ajudou a encontrar o eixo que precisava para seguir a pesquisa.

E por último agradeço aos meus amigos que aguentaram ouvir algumas mil e uma vezes sobre “doidos do leste europeu” e que além de toda a diversão que me proporcionaram, também tiraram um tempo para dar pitaco na pesquisa e me ajudar nessa jornada.

*Estamos à beira de eventos, semelhantes aos quais o mundo não testemunha há séculos. Em breve, tudo o que constitui nossas vidas parecerá inútil para o mundo. Um período de barbárie está prestes a começar e durará décadas.*

Pyotr Wrangel - 1917

*Estamos partindo para a estepe, só podemos retornar pela graça de Deus, precisamos acender uma tocha para que haja pelo menos um ponto luminoso na escuridão que envolveu a Rússia.*

Mikhail Alekseev - 1917

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 ORIGENS DA ROVS</b> .....	<b>9</b>
1.1 O FIM DA VELHA ORDEM .....	9
1.2 A DISSOLUÇÃO DO EXÉRCITO .....	11
1.3 O MOVIMENTO BRANCO .....	13
1.4 A FUNDAÇÃO DA ROVS.....	17
1.5 QUEDA DA ROVS NA IMIGRAÇÃO .....	19
1.6 A ROVS NO MUNDO PÓS-SOVIÉTICO .....	20
<b>2 AS QUESTÕES PRESENTES DO NACIONALISMO RUSSO</b> .....	<b>22</b>
<b>3 O FIM DO NÃO DETERMINISMO: A ENTRADA NA DISPUTA IDEOLÓGICA</b> .....	<b>25</b>
<b>4 O DISCURSO DA ROVS</b> .....	<b>30</b>
4.1 DISPUTAS HISTÓRICA.....	30
4.2 CONFLITOS NA UCRÂNIA E CONSPIRAÇÕES OCIDENTAIS .....	40
4.3 AS QUESTÕES MILITARES .....	52
4.4 AS QUESTÕES INTERNAS, IMIGRAÇÃO E CONEXÕES EXTERNAS .....	55
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>APÊNDICE I: LISTA DE PUBLICAÇÕES ANÁLISADAS</b> .....	<b>67</b>

## RESUMO

### A “ROVS” NO SÉCULO XXI E O DISCURSO NACIONALISTA RUSSO

AUTOR: Lucas Dias Rembold

ORIENTADORA: Nikelen Acosta Witter

O presente trabalho tem como objetivo explorar a discussão do nacionalismo russo a partir da organização nacionalista “União Militar da Rússia” conhecida pela sigla ROVS. A ROVS se entende como a última organização ainda remanescente do Movimento Branco da guerra civil na Rússia. O Movimento Branco combateu ao movimento Bolchevique durante a guerra civil 1918-1922 e foram derrotados pelos Bolcheviques que estabeleceram a URSS em 1922. Até 1991, o Movimento Branco ficou apenas restrito à comunidade de russos exilados. Com o fim da URSS, o Movimento Branco pode retornar a Rússia, e agora faz parte da competição ideológica presente no país. Para embasar o debate proposto, será analisado o manifesto ideológico da organização, lançado em 2015. Além da análise desse manifesto se fará a articulação do mesmo com as publicações do periódico online da organização, chamado “*O Alarde*”. Utilizando-se do método de análise de discurso de Laurence Bardin, buscar-se-á explicitar quais discursos a organização propaga nos tempos modernos, e quais suas relações com os problemas enfrentados na Rússia contemporânea. As publicações serão analisadas tendo em vista como os pontos ideológicos do manifesto estão sendo “avançados” pela organização nas presentes questões na Rússia.

**Palavras-chave:** ROVS, Rússia. Nacionalismo. Século XXI. Discurso. Etnia

## **ABSTRACT**

### **THE “ROVS” IN THE XXI CENTURY AND THE RUSSIAN NATIONALIST DISCOURSE**

AUTHOR; Lucas Dias Rembold

ADVISOR: Nikelen Acosta Witter

The present work aims to explore the discussion of Russian nationalism through the nationalist organization "Military Union of Russia," known by the acronym ROVS. ROVS sees itself as the last remaining organization of the White Movement from the Russian Civil War. The White Movement opposed the Bolshevik movement during the 1918-1922 civil war and was defeated by the Bolsheviks, who established the USSR in 1922. Until 1991, the White Movement remained restricted to the community of exiled Russians. With the end of the USSR, the White Movement could return to Russia and is now part of the ongoing ideological competition in the country. To support the proposed debate, the ideological manifesto of the organization, released in 2015, will be analyzed. In addition to analyzing this manifesto, it will be debated together with publications from the organization's online newspaper, called "RoI Call." Using Laurence Bardin's discourse analysis method, to elucidate which discourses the organization propagates in modern times, and how they relate to the challenges faced in contemporary Russia. The publications will be examined in terms of how the ideological points of the manifesto are being “put forward” by the organization and their relation to present issues in Russia.

**Keywords:** ROVS. Nationalism, XXI Century. Discourse. Ethnicity

## INTRODUÇÃO

Durante a guerra civil na Rússia (1918-1922), vários grupos competiam pelo poder no território do antigo Império Russo. Com a vitória dos bolcheviques, os grupos que se opunham ao seu projeto foram exilados do país. Durante o período de existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS ou apenas União Soviética), alguns desses grupos pretendiam, pela força das armas, derrubar o governo e instalar projetos políticos diferentes.

O Movimento Branco, como ficou conhecido o movimento antibolchevique, existiu em vários formatos durante toda a existência da URSS, que perdurou de 1922 a 1991, e atuava para enfraquecer o regime vigente no território do antigo Império Russo. Uma das maiores organizações desse período, que teve seu apogeu entre os anos 1924 e 1940, foi a ROVS<sup>1</sup> (*Russkii Obshche-Voinskii Soiuz*; em português, União Militar da Rússia). Tal organização tinha como objetivo manter uma força armada preparada para invadir o território soviético e derrubar o governo.

Durante esse período, a ROVS adotou o preceito do “não determinismo”. Esse preceito guiou a ROVS a não adotar nenhuma posição ou programa políticos claros, mas servia para tentar definir a organização como uma “frente unida” de todos os movimentos políticos antibolchevique. Contudo, a situação para a ROVS e para a Rússia mudou no fatídico ano de 1991. Com o fim da União Soviética e da sua orientação ideológica comunista, o país passou a enfrentar grandes problemas econômicos e políticos. A derrubada pacífica do regime não garantiu a existência de um novo “caminho” para o país. Apesar de ter se tornado (em tese) uma democracia liberal, a Rússia enfrenta até hoje vários problemas em sua identidade como nação, os quais afetam as relações com seus vizinhos e entes federados. Tais questões se refletem, principalmente, nos discursos nacionalistas sobre como o país deve ser reorganizado. Estudos recentes, como a obra “The New Russian Nationalism” (Kolsto Pa et al, 2015.), mostram como a movimentação política na Rússia está tomada por diversos discursos e projetos de futuro diferentes, os quais competem pela atenção do governo e da população. Nesse novo campo de disputa de narrativas do nacionalismo russo, torna-se interessante ao pesquisador compreender qual discurso e projeto a ROVS, que se intitula a única representante legítima do Movimento Branco e herdeira da “tradição imperial”, arquiteta para as questões contemporâneas do país.

---

<sup>1</sup> Русский Обще-Воинский Союз

O objetivo do presente trabalho é discutir quais os novos rumos da organização e que tipo de ideais e princípios políticos ela adotou no mundo pós-soviético. Para isso, será analisado o manifesto<sup>2</sup> escrito por Boris Ivanov<sup>3</sup> (atual líder da ROVS) no ano de 2015 no qual são discutidos os rumos do Movimento Branco no mundo atual. Junto ao manifesto foram analisadas as publicações, veiculadas no site “O Alarde” (o “jornal” da organização), na intenção de articular o quanto as notícias e discursos reproduzidos pelo “jornal” avançaram os preceitos elencados no manifesto de Ivanov. Por conta da evolução do conflito na Ucrânia em 2022, as notícias analisadas são dos anos de 2023 e 2022. A partir disso, é possível articular os preceitos “ideais” expressos no manifesto e como tais ideias foram usadas e propagadas na realidade política presente e como se posicionam nas questões pertinentes da Rússia moderna.

Para realizar essa investigação, será usado o método da análise de inferência, idealizado por Laurence Bardin. Esse método implica na análise do discurso de maneira a extrair a mensagem que esse pretende passar ao leitor, que não é necessariamente observável à primeira vista, sendo importante perceber quais pontos a publicação valoriza ou omite em seu texto. No seu livro “A Análise de Conteúdo”, Bardin exemplifica a relação entre o discurso que é veiculado e seu significado mais profundo (Bardin, 2011, p. 172). Bardin utiliza o exemplo da análise de notícias veiculadas sobre a morte de Mao Zedong que podem ser usadas para averiguar o clima político no período, a depender de que outras questões que as notícias associaram a Mao Zedong e suas vertentes políticas. A análise das notícias veiculadas pela ROVS parte do mesmo pressuposto: as mensagens veiculadas nas notícias são importantes em sua relação com as ideias do manifesto das bases ideológicas da organização. As notícias serão analisadas no contexto de qual ponto do manifesto elas buscam avançar e como tais notícias e argumentos se articulam com as vertentes de pensamento do nacionalismo russo descritas por Kolsto (Kolsto et al, 2015). Para realizar a análise as publicações foram traduzidas usando o programa online Google tradutor, programa de tradução da empresa Google.

---

<sup>2</sup> Manifesto de Boris Ivanov sobre a ideologia do Movimento Branco nos tempos atuais. Disponível em: <http://izput.narod.ru/snor.html>. Acessado em 22/11/2023

<sup>3</sup> Autobiografia de Boris Ivanov. Disponível em: <http://izput.narod.ru/oba.html>. Acessado em 22/11/2023



## 1 ORIGENS DA ROVS

### 1.1 O FIM DA VELHA ORDEM

Antes de discutir os novos rumos da organização, é importante entender sua origem. Os embriões do Movimento Branco, e da ROVS, começaram em 1917, quando o sistema monárquico caiu na Rússia e o exército começou sua rápida dissolução. No fatídico ano de 1917 Mikhail Alekseev<sup>4</sup>, chefe de gabinete do czar, entregou para Nicolau II<sup>5</sup> o documento para sua abdicação ao trono do Império Russo. Após deliberações entre o imperador e seus oficiais, Nicolau II assinou ao documento abdicando em seu nome e em nome de seu filho, ainda menor de idade.

A abdicação de Nicolau II foi fruto dos grandes desastres políticos e militares que assolavam o país desde antes da Grande Guerra (1914-1918). Durante o conflito, o império sofreu grandes derrotas nos campos de batalha e problemas no abastecimento da população civil. Em 1917, a situação vai se tornando cada vez mais grave e o imperador, que havia se automeado comandante supremo do exército, perde toda sua credibilidade junto a população. No campo político, a influência de Gregory Rasputin<sup>6</sup> sobre a família real gera um caos nas nomeações de gabinetes de governo, além de uma corrupção sem fim (Denikin, 1920, p. 34)<sup>7</sup>. Visto os problemas econômicos do esforço de guerra e as contínuas derrotas militares, a população se viu cada vez mais simpática às ideias dos movimentos socialistas e liberais, que já vinham ganhando força desde 1905 (Denikin, 1920, p. 36).

De 1905 até 1917 os grupos pró-monarquia ficaram cada vez mais enfraquecidos e perdidos politicamente. Sem nenhuma movimentação por parte do Czar no sentido de mobilizar esses grupos, eles não conseguiam projetar nenhuma força política e, paradoxalmente, tinham

---

<sup>4</sup> General e chefe de gabinete durante o reinado de Nicolau II. Figura de grande peso no exército e fundador do exército voluntário, braço armado do Movimento Branco. Alekseev se aliou ao governo provisório durante a tentativa de golpe feita por Kornilov em 1918. Durante a fundação do exército voluntário, houve um racha entre ele e Kornilov, para resolver o problema Alekseev se tornou o chefe do “governo civil” enquanto Kornilov comandou o exército (Smele, 2015, p. 101-102).

<sup>5</sup> Nicolau foi o último Czar da Rússia, coroado em 1896 e executado junto de sua família em 1918 por partidários bolcheviques (Smele, 2015 p. 949).

<sup>6</sup> Gregory Rasputin foi um monge ortodoxo que exerceu grande influência na família real. Por conta de seus “poderes milagrosos” usados para melhorar a condição do filho de Nicolau (que sofria de hemofilia), Rasputin ganhou um grande espaço na corte sendo conselheiro direto do casal imperial (Denikin 1920 p 19).

<sup>7</sup> Anton Denikin foi um dos líderes do Movimento Branco e participou de toda a movimentação política desde a queda do Czar até a queda do governo provisório. Liderou o Exército Voluntário do Sul da Rússia e teve grandes desavenças com Wrangel, fundador da ROVS. No seu exílio, escreveu diversos livros sobre os eventos da queda da monarquia e da guerra civil na visão do exército. Não participou na ROVS em nenhuma função (Smele 2015 p 231-232).

grandes problemas com a própria pessoa do Czar (Podbolotov, 2004, p. 107). Com a situação se deteriorando e a unidade militar sendo corroída, os chefes do exército, em 1917, aconselharam o imperador a abdicar para salvar tanto o país quanto a sua dinastia (Denikin, 1920, p. 50-51).

A crença na estabilização do governo após a abdicação se provou falsa. Pela falta de segurança, o novo imperador, príncipe Miguel<sup>8</sup>, se recusou a assumir o trono e lançou um manifesto clamando por uma assembleia constituinte (Denikin, 1920, p. 53). Alguns dias depois, o caos político no país se estabilizou um pouco e um governo provisório foi formado pelo príncipe Lvov<sup>9</sup> e com o apoio de Alexander Keresnky<sup>10</sup> e Boris Savinkov<sup>11</sup>. Entretanto, a direita monarquista russa não conseguiu se mobilizar perante a revolução de 1917 e os grupos mais à esquerda, ou liberais, formaram a base do governo provisório e da assembleia constituinte. A relação entre o governo provisório e o exército foi péssima desde o início, com os generais e oficiais relutantes em aceitar a nova ordem, além dos grandes problemas militares enfrentados pelo país (Denikin, 1920, p. 39).

---

<sup>8</sup> Miguel era irmão de Nicolau II e após a abdicação de Nicolau, por ele e seu filho, se tornou o sucessor legal da dinastia (Denikin, 1920, p. 53).

<sup>9</sup> Aristocrata membro da Duma, foi uma das primeiras figuras do governo provisório. Por conta de sua origem aristocrata, entregou as rédeas do governo provisório a seu ministro da guerra, o revolucionário Keresnky (Denikin 1920 p 97).

<sup>10</sup> Revolucionário e ministro da guerra durante o governo de Lvov, assumiu o governo pela impopularidade de Lvov e se tornou a figura mais reconhecida do governo provisório (Denikin, 1920, p. 66).

<sup>11</sup> Revolucionário e ministro da guerra durante o governo de Keresnky, tentou organizar insurreições durante a guerra civil e depois se exilou. Em 1925 voltou para a URSS com a promessa de anistia e foi executado pelos bolcheviques (Marie. 2017, p. 263).

## 1.2 A DISSOLUÇÃO DO EXÉRCITO

Em 1917, os oficiais do exército se encontravam perdidos, como descrito por Anton Denikin, entre seus juramentos de lealdade ao país e seus conflitos institucionais com o governo provisório (Denikin, 1920. P. 57-61). Desde o princípio, houve essa tensão entre o exército e o governo provisório quanto à legitimidade deste último para regular as questões militares. Este conflito aflorou quando a ordem número I dos soviets criou um racha entre figuras importantes do exército e o governo provisório. Essa ordem previa a democratização do exército, o que na prática era um método para enfraquecer o controle dos oficiais e facilitar a dissolução do exército (Denikin, 1920). O *Soviete dos Trabalhadores e Soldados*<sup>12</sup>, formado por grupos revolucionários de esquerda – os Bolcheviques (minoridade radical) e os Mencheviques (maioria moderada) – estava em conflito com a assembleia constituinte, formada por socialistas moderados e liberais. Por conta disso, organizaram motins e milícias armadas na capital russa (Marie, 2017, p. 31). O soviete derivava a sua força das massas de trabalhadores e soldados insatisfeitos com as condições do país; isso fez com que o polo de poder se virasse na direção dos bolcheviques, os quais acabaram por tomar o poder e destituem o governo provisório em outubro de 1917.

Para frear a dissolução do exército observada na frente de batalha, uma parte importante do alto comando defendia que a disciplina tinha que ser restaurada a todo custo e pleiteavam a reimplantação da pena de morte. Tal posição era chefiada principalmente por Lavr Kornilov<sup>13</sup>, comandante em chefe do exército (Asher, 1970). Essas tensões chegaram a seu ápice em 1917 com o chamado caso de Kornilov, uma operação liderada pelo general Kornilov que é até hoje debatida entre os historiadores. Alguns pesquisadores, segundo Asher (Asher, 1970), defendem que Kornilov pretendia derrubar o governo provisório e instalar uma ditadura, enquanto outros historiadores argumentam, como Harvey Asher em seu artigo sobre o caso

---

<sup>12</sup> Soviete, vindo da palavra russa *sovet* (conselho), eram corpos políticos formados por trabalhadores, soldados e políticos revolucionários. O Soviete de Petrogrado, mencionado no texto, era o mais importante, e suas deliberações e decisões influenciavam eventos em todo o país, como pode ser observado pela sua ordem número I e seus efeitos. (Smele, 2015)

<sup>13</sup> General e comandante geral do exército durante o período do governo provisório. Uma das maiores figuras do Movimento Branco, morto ao ser atingido por um projétil de artilharia durante a “Marcha de Gelo do Kuban” (Smele, 2015, p. 607).

(Asher, 1970), que Kornilov na verdade pretendia reforçar o governo provisório e acabar em definitivo com o soviete de Petrogrado (Asher, 1970). Em todo caso, o episódio acabou com a prisão de Kornilov e com uma grande vitória dos soviets, que foram então armados pelo governo provisório para defender a cidade.

Mikhail Alekseev, tentando evitar uma guerra civil, continuou leal ao governo provisório e prendeu Kornilov e seus aliados, se tornou o novo comandante em chefe do exército. Apesar da manutenção do governo provisório, Alekseev perde a crença na sua capacidade deste sobreviver, e cria a chamada Organização Alekseev, formada por membros do exército que se opunham aos bolcheviques e se preparavam para combatê-los. De fato o governo provisório não conseguiu sobreviver a caso de Kornilov e os bolcheviques, percebendo a fraqueza do governo provisório e a degradação cada vez maior do exército, conseguiram tomar o governo e expulsar Kerensky da capital. O exército, nesse momento, foi praticamente destruído, e as formações que não foram destruídas pela ofensiva alemã de 1918 acabam “evaporando” no caos da queda das instituições do país (Denikin, 1920, p .319).

### 1.3 O MOVIMENTO BRANCO

O *establishment* militar foi destruído pelos eventos de 1917 e dois núcleos acabaram se formando. Algumas poucas figuras de alto comando, como Boris Shaposhnikov<sup>14</sup> e Alexey Brussilov<sup>15</sup>, juntam-se aos bolcheviques e acabam sendo essenciais na formação dos exércitos vermelhos. Porém, a grande maioria do alto escalão militar foi totalmente contra o programa bolchevique, não só por razões políticas sobre a legitimidade e ideologia do governo, mas por esse ser o responsável pela dissolução do exército e o tratado de Brest-Litovsk<sup>16</sup>, assinado pelos bolcheviques.

Com a queda do governo provisório, Kornilov e seus parceiros de golpe fugiram de sua prisão na Bielorrússia. Ao mesmo tempo, Alekseev e outros membros da sua organização se deslocaram para Rostov no Don a fim de criar uma resistência ao governo bolchevique. Alekseev e Kornilov se encontraram novamente quando ambos chegaram com seus aliados à província cossaca do Don. O Don, nesse momento, era controlado pelo *Ataman*<sup>17</sup> Alexei Kaledin<sup>18</sup>, que era simpatizante da causa antibolchevique e estava criando uma administração a parte do novo governo. Porém os Cossacos do Don<sup>19</sup> não tinham interesse no movimento antibolchevique e preferiram apenas defender suas fronteiras e traçar um caminho para sua

---

<sup>14</sup> General do exército imperial e comandante de divisão na Grande Guerra de 1914. Subiu rapidamente na estrutura militar soviética, que sofria com a falta de comandantes com educação militar formal. Se tornou uma figura importante do exército vermelho na Segunda Guerra mundial (Smele, 2015, p. 1012).

<sup>15</sup> General do exército imperial e arquiteto da ofensiva de melhor sucesso do exército imperial (Ofensiva de Brussilov) durante a guerra civil, foi uma figura importante na organização do exército vermelho durante a guerra polonês-soviética de 1920 (Smele, 2015, p. 220).

<sup>16</sup> O tratado de Brest-Litovsk tira a Rússia da Primeira Guerra Mundial e a faz perder os territórios da Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Azerbaijão, Armênia e dos presentes países bálticos. Esses territórios são transformados em satélites dos Poderes Centrais (Smele, 2015, p. 224).

<sup>17</sup> Posição de chefe dos cossacos. Kaledin foi o primeiro *Ataman* eleito por um conselho de “deputados” cossacos em 1918 depois da queda do Império (Smele, 2015, p. 536).

<sup>18</sup> General do exército imperial e *Ataman* dos Cossacos do Don, suicidou-se no decorrer da guerra civil (Smele, 2015, p. 536).

<sup>19</sup> Os Cossacos eram um grupo social e militar no Império Russo que tem suas origens nos povos livres da estepe. Com suas formas de propriedade mais livres e menores, e seu sistema político próprio, a lógica da redistribuição de terra promovida pelos bolcheviques não ganhou tantos seguidores no meio rural. Apenas nos centros mais urbanos da região dos Cossacos do Don que houve um grande braço dos bolcheviques. Grande parte dos cossacos se alia ao Movimento Branco na guerra civil em busca de maiores autonomias para seus “*Hosts*” (Smele, 2015, p. 296).

independência, ou ao menos autonomia política. Kaledin abrigou temporariamente Alekseev e Kornilov que, juntos de seus aliados, formaram o movimento do Exército Voluntário.

Contudo os bolcheviques avançaram sobre Rostov no Don em 1918, as forças cossacas acabam derrotadas e Kaledin se suicida ao pensar que a guerra contra os bolcheviques está perdida. Kornilov, Alekseev e o Exército Voluntário fogem de Rostov e partem para a Marcha de Gelo do Kuban, um dos eventos mais românticos da guerra civil. Depois da marcha, os Brancos se estabelecem em Ekaterinodar e começaram sua campanha contra os bolcheviques.

Nesse momento o Exército Voluntário se torna a principal força antibolchevique no Sul da Rússia e o segundo núcleo mais importante do Movimento Branco, sendo o primeiro o governo na Sibéria formado por Aleksander Kochack<sup>20</sup> e sediado em Omsk. Apesar do Exército Voluntário ter sido pioneiro na luta contra os soviets, não houve uma direção política clara tomada pelo grupo (Kenez, 1977, p. XIII). O discurso principal era o da lealdade à assembleia constituinte, que fora dissolvida pelos bolcheviques. Tal assembleia constituinte, após reinstalada, tomaria todas as decisões políticas importantes, incluindo o sistema de governo, reforma agrária e outras demandas da população.

No entanto, Alekseev e Kornilov, as principais e mais carismáticas lideranças do Exército Voluntário morreram ambos em 1918. Isso acabou por criar um grande vácuo na cadeia de comando do movimento no Sul da Rússia. Anton Denikin, então chefe de gabinete de Kornilov, foi quem assumiu o comando das tropas. Porém, Denikin era descrito como alguém sem convicções políticas fortes (Kenez, 1977, p. XIV) e, sob seu comando, não houve nenhum esforço em aplicar um plano político claro no território controlado. Em especial, não houve avanços em direção a reforma agrária, que era a maior reivindicação dos camponeses do país, ou de aliança com os movimentos de independência que eclodiram no território do antigo império.

O outro polo do Movimento Branco, o governo da Sibéria, sofria da mesma falta de decisão que foi observada no Sul. Questões como a reforma agrária e composição de uma autoridade civil, além do reconhecimento da independência de nações como a Finlândia, uma possível aliada dos Brancos, enfraqueceram a posição dos dois “governos” (apesar de em teoria Denikin ser subordinado ao governo de Kolchak, na prática as duas administrações Brancas funcionavam independentemente uma da outra) que adotaram a posição de uma Rússia una e

---

<sup>20</sup> Almirante na marinha imperial da Rússia. Figura importante na reorganização da marinha russa após a guerra Russo-Japonesa de 1905. Se tornou “Líder Supremo” da Rússia durante a guerra civil e, em tese, era comandante supremo de todas as forças Brancas apesar de ter sua autoridade questionada por diversas figuras. Considerado um líder autoritário sem tato político ou pretensões democráticas. Foi capturado por forças alinhadas aos bolcheviques e executado em 1920 (Smele, 2015, p. 588-591).

indivisível. A falta de posições políticas claras, e o discurso da manutenção territorial, geraram grandes problemas com população civil e com os governos dos seus aliados externos, para ambos os governos. (Wrangel, 2020, p. 311). Os exércitos Brancos sofreram grandes derrotas ao longo de 1919 e foram obrigados a bater em retiradas pelas forças alinhadas aos bolcheviques. O Exército do Sul da Rússia fica isolado na península da Criméia. Pyotr Wrangel<sup>21</sup>, ao assumir o comando na Criméia em 1920, foi bastante crítico a respeito da falta de escolhas políticas de Denikin principalmente quanto à reforma agrária, e a falta de uma política de Estado Branca (Wrangel, 2020, p. 144). Na visão de Wrangel esse foi um dos mais importantes fatores que levou os Brancos a serem derrotados pelos Vermelhos. Wrangel, tentou remediar a falta de um programa político do movimento, adotou legislações próprias para atender as demandas populares, principalmente a demanda por reforma agrária (Wrangel, 2020, p. 222). Esta, segundo ele, era uma política necessária para a reconstrução e modernização do país, se referindo a ela como programa de esquerda feito pelas mãos da direita. A reforma de Wrangel não conseguiu gerar resultado para as forças Brancas pois, quando ele assumiu o comando, estas estavam isoladas na península da Criméia. Wrangel foi o principal crítico da falta de uma posição política clara dentro do Movimento Branco e como isso fortaleceu os Vermelhos, que tinham um programa político claro (Wrangel, 2020, p. 154; Kenez, 1977, p. 16).

---

<sup>21</sup> General do exército Imperial, se juntou ao exército voluntário em 1919. Entrou em conflito com Denikin por conta da direção e curso da guerra. Foi contra o desastroso avanço em Moscou e em 1920 é chamado para liderar o exército na sua última ofensiva. Desde o primeiro dia na Criméia sabia que sua derrota era iminente e tentou enfraquecer os bolcheviques a todo custo (Smele, 2015, p. 1319-1322).



Figura 1: Região ocidental do Império Russo por volta do ano de 1914. A maior extensão de território controlado pelas forças antibolchevique (em 1919) é indicada pela região em laranja. O trecho de território continuamente em posse dos bolcheviques é indicado em vermelho.

Fonte: Autor.



## 1.4 FUNDAÇÃO DA ROVS

A ROVS foi fundada em 1924 pelo General Pyotr Wrangel e remanescentes do exército da Criméia (Robinson, 2000, p. II). No seu início, a organização tinha como objetivo a reestruturação do exército da Criméia em uma força que pudesse voltar a combater os Bolcheviques e reconquistar o país. Para isso Wrangel tentou tomar o controle das finanças do Estado russo no exterior. Com o governo Bolchevique não reconhecido internacionalmente, tais recursos estavam em um limbo jurídico (Robinson, 2000, p. 59). Apesar de ser *de facto* o último líder russo reconhecido no exterior, os aliados não forneceram a Wrangel a possibilidade de acessar esses recursos. Assim, num primeiro momento a organização já começava financeiramente falida, dependendo de doações de empresários de origem russa simpatizantes e de outros exilados. Com a falta de dinheiro para a manutenção das unidades militares, o exército da Criméia é desmantelado e seus membros se espalham pelo mundo em busca de emprego. Apesar disso, ainda houve a tentativa de manutenção dos vínculos entre as unidades militares e a criação de escolas de oficiais em exílio, tais escolas formando novos oficiais para a retomada da Rússia.

Nesse primeiro momento, a organização teve algum sucesso em conseguir que outros países aceitassem os antigos soldados da Criméia em suas fronteiras e fechou acordos com a Bulgária e Iugoslavia para que essas aceitassem os emigrantes. Com a perda da possibilidade de manter as unidades inteiras, a ROVS mudou seu plano de ação: agora, o foco passou a ser a manutenção de um sentimento de comunidade entre os membros dos regimentos, a prestação de ajuda financeira para os soldados espalhados pelo mundo e a criação de organizações culturais e sociais para manter a comunidade russa no exílio unida, além de procurar manter no exterior uma cultura russa “livre do bolchevismo”. Para isso, diversas organizações satélites foram criadas, em especial uma organização jovem. Essa organização, formada pelos filhos dos emigrantes, deu origem ao NTS (Movimento Nacional Solidarista), que veio a ser um aliado importante do ocidente durante a guerra fria.

Apesar de tentar criar uma organização guarda-chuva na emigração, a ROVS sofreu diversos rachas internos, além de competir com outros movimentos políticos. Durante os anos de 1920, a ROVS não adota nenhum programa político próprio e se vê como uma organização estritamente militar. A não adoção de um programa político, na visão da liderança, era fundamental para a manutenção do exército em exílio, e tal preceito é definido pela liderança como não determinismo. Assim a ROVS teria como objetivo apenas a derrubada do regime bolchevique, cabendo ao povo decidir após isso, por meio de uma nova assembleia constituinte

quais os rumos que o país deveria tomar. Apesar disso, a organização deixava claro que não defendia a restauração do antigo regime e que algumas medidas dos bolcheviques, como a redistribuição das terras, seriam mantidas pelo futuro novo governo.

Com a chegada dos anos 1930 e a dispersão da emigração, a ROVS não conseguiu manter os esforços de combate direto aos bolcheviques; além disso, a organização começou a sofrer ataques diretos do serviço de espionagem soviético que buscava desmantelá-la. Com a ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha e o aumento de tensões entre Alemanha e França, a ROVS se encontrou mais dividida do que nunca. Enquanto alguns membros argumentam que a colaboração com uma potência estrangeira, em caso dessa invadir a Rússia (aqui os emigrantes já sentiam que um confronto entre a USSR e o terceiro Reich seria inevitável), seria benéfica para a emigração e um caminho válido para a destruição dos bolcheviques. Outros membros defendiam a “santidade” do território russo e que os bolcheviques deveriam ser defendidos em caso de um ataque externo. Essa discussão criou um racha na organização entre os *defensistas* (traduzido do inglês *defencists*), pró defesa do território russo em qualquer situação, e os colaboracionistas, que pretendiam colaborar com os alemães em troca de uma aliança entre a nova Rússia e o eixo (Robinson, 2002.).

## 1.5 QUEDA DA ROVS NA IMIGRAÇÃO

A ROVS perde grande parte do seu papel na emigração após 1941 e a invasão da Alemanha à União Soviética. Parte significativa dos membros da ROVS cooperam com o exército alemão durante a invasão e acabam ou perecendo nos combates ou sendo capturados e executados pelo governo soviético. Enfraquecida pela guerra, e a morte natural de alguns de seus membros mais velhos, a organização perde espaço na luta do exílio para a NTS.

Durante a guerra fria, a NTS (Movimento Nacional Solidarista) se associa à CIA e a outras organizações de espionagem ocidentais. Apesar dos grandes esforços da NTS, essa não consegue se infiltrar na União Soviética em números suficientes para causar danos diretos ao governo. As ações da NTS só vão se tornar relevantes no período final da existência da União Soviética, quando membros da NTS se tornam fontes principais de contrabando ideológico, literatura proibida e outros itens culturais para dentro do país. Até 1991, a ROVS continua com suas atividades antissoviéticas, porém com um escopo bastante reduzido. Nos anos da Guerra Fria, a organização se envolve principalmente em atividades culturais da emigração e busca criar uma cultura russa “limpa do bolchevismo” para que, num futuro em que o regime soviético seja derrubado, os emigrantes a levem de volta ao país. A organização passa a focar principalmente em preservar os patrimônios e história do Movimento Branco e atua apenas nessa frente, tendo abandonado a ideia de derrubada armada do regime por conta das derrotas sofridas no período de 1924 até 1945. Após a resistência do regime soviético na Segunda Guerra Mundial, os membros da ROVS aceitam que a derrubada externa do regime seria impossível (Robinson, 2000, p. 317).

## 1.6 A ROVS NO MUNDO PÓS-SOVIÉTICO

Com a queda da União Soviética em 1991, a ROVS passou por uma grande mudança. Finalmente, ela retornou à Rússia depois de quase 70 anos funcionando no exílio. O departamento principal da instituição foi transferido para a Federação Russa naquele mesmo ano. Porém, com grande parte da liderança da organização chegando à idade avançada, a linha de comando que, seguindo a tradição militar, passava dos soldados do Exército Branco até os cadetes das escolas militares do exílio, vai se exaurindo. Em vista disso, alguns membros da organização fora da Rússia votam pela sua dissolução já que, com o fim da União Soviética, não fazia mais sentido a existência da ROVS. Além disso, há falta de membros jovens que pudessem levar a organização à frente; porém, acabou ocorrendo um racha entre essa seção internacional e a seção residente na Rússia, liderada por Boris Ivanov<sup>22</sup>.

A seção russa da organização, no entanto declarou que a decisão internacional não tinha validade, e com isso, e toma para si o acervo histórico da ROVS e o manto de organização herdeira da tradição do Movimento Branco. Nesse período, a organização reorganiza suas publicações para serem primariamente distribuídas dentro do território da Federação Russa e volta com a publicação de seu jornal *O Alarde* (que circulou nos anos 1920 e parou após a guerra). O jornal da ROVS, no presente, não tem grande circulação nas redes sociais, nem mesmo em redes sociais estritamente russas, como o VK, a maior rede social no país. Na rede social VK, a organização conta com apenas 9,636 seguidores<sup>23</sup>, para uma população de 143,4 milhões – um número inexpressivo de influência social. A organização é, no presente (2023), liderada por Boris Ivanov, nascido na União Soviética após a guerra civil e sem ter na sua ascendência qualquer membro do Movimento Branco. Ivanov se junta à organização alguns anos depois de terminar a faculdade em São Petersburgo e se torna chefe nos anos 2000. Nos dias de hoje, a ROVS está envolvida principalmente nas disputas pela memória dos tempos soviéticos. Enquanto o governo tenta adotar um modelo conciliatório de lembrança, mesclando monumentos e discursos imperiais com monumentos e discursos soviéticos, a ROVS tem uma postura extremamente combativa aos tempos soviéticos. A organização atua para preservar a memória do Movimento Branco e a “tradição imperial”, participando da inauguração e criação de monumentos e na popularização de narrativas pró Movimento Branco.

---

<sup>22</sup> Declarações de Ivanov sobre a dissolução da organização no exterior: <http://izput.narod.ru/zr.html> Acessado em 22/11/2023

<sup>23</sup> Página da ROVS na rede social VK: <https://vk.com/lotdel.rovs> Acessado em 22/11/2023

Além disso, a organização procura combater a memória do estado sobre os tempos soviéticos, principalmente se mobilizando para a destruição de monumentos dos que consideram os piores criminosos do regime, Lenin e Stalin. A ROVS também se envolveu nos combates da crise da Ucrânia de 2014. O líder da organização, Boris Ivanov, se envolveu na criação das repúblicas separatistas do Donbass. Segundo ele, a ROVS foi essencial na criação e treinamento dos exércitos das repúblicas (informação não verificável por outra fonte), e ocupou postos no governo das repúblicas, em cargo responsável pelas condecorações dos exércitos (informação verificada por meios de comunicação dos governos das repúblicas).

Nas questões de política internacional, a ROVS apoia grande parte das iniciativas do governo, principalmente a operação militar na Ucrânia, e vê como positiva a aproximação entre a Rússia e os governos do Irã e da China, além de ter uma visão combativa em relação a União Europeia e os Estados Unidos. Apesar desse apoio nas posições internacionais do governo, a ROVS é extremamente crítica à política interna do governo russo e, em postagens de seu antigo *site*, chama-o de *o governo da nomenclatura e da Lubyanka*<sup>24</sup>, uma alusão ao passado de Vladimir Putin na KGB, e da antiga nomenclatura (burocracia) do partido comunista<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> O prédio da “Lubyanka” foi a sede da KGB e agora da FSB, serviço secreto da federação russa (Smele 2015 p 266).

<sup>25</sup> Postagem da ROVS que elucida os pontos que a organização tem com o presente governo da Rússia: <http://www.rovs.narod.ru/vesti1.htm>

## 2 AS QUESTÕES PRESENTES DO NACIONALISMO RUSSO

Antes da análise do discurso da ROVS, é importante salientar a discussão do nacionalismo russo e suas vertentes étnicas e “imperiais” que serão debatidas no decorrer deste texto. Assim trazendo a sua importância para a discussão do nacionalismo que é propagado pelo manifesto da ROVS e suas publicações com a discussão geral sobre o nacionalismo na Rússia. Usando como base a coletânea de trabalhos no livro *The New Russian Nationalism: Empire, Ethnicity and Authoritarianism 2000-2015* que aborda as principais distinções entre as diversas esferas nacionalistas e como a “questão nacional” está presente na Rússia contemporânea.

Segundo os autores, o nacionalismo na Rússia pode ser dividido em quatro quadrantes. Primeiro os nacionalistas liberais, que querem trazer para a Rússia o modelo do estado nacional europeu e que, no geral, pregam uma maior autonomia dos entes federados e uma liberalização econômica e social, como a adoção de direitos para a população LGBT+ e a manutenção do direito ao aborto. Tais grupos, no geral, tem uma visão que quase não foca na etnicidade das populações do país, mas sim na história comum e na manutenção do atual território.

O segundo quadrante estão os salvadores do império (império usado aqui como um sinônimo do território ocupado pelo Império Russo e a URSS). Esse grupo, em que a ROVS aparenta se encaixar, vê no fim da unidade territorial soviética, mas não necessariamente do sistema comunista, uma grande catástrofe para a Rússia e os povos dos países independentes. No geral, defendem a reanexação desses territórios.

Os grupos comunistas desse quadrante defendem, também, a restauração do governo soviético. Esse quadrante tende a focar mais suas narrativas na história em comum compartilhada pelos diversos povos do país do que no componente étnico das populações, apesar de alguns defenderem o excepcionalismo dos *grandes russos* como os líderes dessa nação em conjunto.

No terceiro quadrante, estão os nacionalistas étnicos que defendem a manutenção dos territórios da atual Federação Russa e que a composição étnica da maioria dos *grandes russos* deveria ser mantida. Não defendem a anexação de nenhum território vizinho que não contenha uma população que considere etnicamente russa e, nos seus discursos, defendem que, tanto durante o Império como na URSS, o governo do país havia desenvolvido os outros territórios em detrimento do território propriamente russo e que, agora, com um estado etnicamente conciso, os russos podem se desenvolver sem carregar os outros povos. Os nacionalistas étnicos, em grande parte, não são tão diferentes dos nacionalistas do primeiro quadrante, apesar de adotar o discurso étnico.

O quarto quadrante é a versão mais radical dos nacionalistas étnicos, que acreditam na supremacia russa e defendem a anexação dos territórios do antigo império e a russificação das populações, que devem abandonar as culturas locais e adotar os costumes e linguagens dos *grandes russos* a fim de afirmar o seu território natural.

Essa divisão é importante a fim de entender a situação em que o Estado Russo se encontra nos tempos atuais. Com o fim da União Soviética, os nacionalistas étnicos finalmente conseguiam ganhar espaço nas discussões dos rumos do país e, com isso, há uma grande competição sobre qual nacionalismo o governo deve adotar no futuro. Durante os anos 1990, o governo Yeltsin se mobiliza para incentivar o nacionalismo cívico (caracterizado no primeiro quadrante) que foca em uma lealdade ao Estado da Federação e a manutenção do presente território. Esse projeto de Yeltsin foi particularmente ameaçado pela guerra separatista da Chechênia, que poderia servir de efeito dominó para a separação dos outros pequenos grupos étnicos dentro da Rússia.

Durante a década de 1990 e os anos 2000, esse foi o discurso alimentando pelo Kremlin, que buscava manter uma boa relação com os seus vizinhos e adotava esse discurso como forma de manter a presente estrutura de poder. A discussão nacionalista na Rússia passa da esfera étnica e cultural para a esfera estatal.

Os nacionalistas do primeiro e segundo quadrantes defendem o Estado como a principal expressão nacional da Rússia, e que a lealdade a este é a principal forma dessa expressão.

Já os nacionalistas do terceiro e do quarto quadrantes defendem um modelo aberto a insurreições contra o Estado, se tal estado está indo contra os interesses étnicos da população russa. Essa distinção vem à tona principalmente quando é discutida a questão da imigração na Rússia contemporânea, em que os grupos nacionalistas étnicos confrontam as políticas de portas abertas que o governo tem com imigrantes do antigo território soviético. Tais grupos mobilizam esse sentimento anti-imigração para propagar o discurso de *que o governo está se vendendo às minorias e a elementos não nacionais* e que, por isso, não deve continuar existindo.

Essa discussão se torna muito mais complexa no ano de 2014, quando começa a crise na Ucrânia. Os nacionalistas étnicos russos, em sua maioria, apoiam as insurreições dos russos do Donbass, e acreditam que essa região, e somente ela, deve ser reunida ao território russo. Quando tropas russas anexam a Criméia em 2014 ocorre, pela primeira vez, um flerte do governo com a ideologia dos nacionalistas étnicos, quando Putin discursa que está apenas protegendo a população de maioria russa do local. Com isso, o governo consegue trazer parte desse grupo para seu lado, pelo menos enquanto o conflito durar no Donbass. Porém, acaba

comprometendo seu antigo *modus operandi* com a questão étnica, abrindo espaço para que os nacionalistas étnicos ganhem projeção no país, ao mesmo tempo que precisava desses grupos para formar as milícias russas no Donbass. Apesar disso, o governo reprime as manifestações anti-minorias étnicas e anti-imigração, tentando trilhar o “meio termo” nessas questões (Kolstø et al 2015 p 44).



### 3 O FIM DO NÃO DETERMINISMO: A ENTRADA NA DISPUTA IDEOLÓGICA

Nesse complicado mundo se encontra a ROVS que, nas suas pretensões de resgatar a glória do passado, agora precisa, também, lidar com as questões do presente. Além disso, precisa pensar em formas de articular a ideia branca em um mundo totalmente diferente daquele dos anos 1920 no qual novos Estados nacionais já estão se consolidando nos territórios do antigo império e em que a competição entre várias ideologias diferentes está acontecendo. Em 2015, Ivanov rompe definitivamente com o preceito do não determinismo – um importante passo para elucidar o que é a ideia branca – e lança um manifesto sobre os princípios patrióticos. Tal manifesto busca mobilizar a organização e elucidar os principais pontos ideológicos que ela persegue no combate ao que chama de ataques ocidentais à Rússia. Além disso, elenca os principais pontos ideológicos e espirituais que, em sua visão, são a força do país ante as ideologias estrangeiras, o socialismo e a democracia liberal.

É interessante observar a similaridade das ideias expostas no manifesto com as do filósofo Ivan Ilyin. Ilyin foi ligado com a ROVS durante os anos 1930 e dedicou uma das suas principais obras, *A resistência ao mal pela força*<sup>26</sup>, ao Movimento Branco e sua liderança. A filosofia de Ilyin é bastante complexa. Ilyin acaba se envolvendo em discussões filosóficas, políticas, religiosas; e suas obras sobre a composição de uma nova Rússia pós bolchevique mesclam todas essas ideias. Ivan Ilyin é, até hoje, uma figura bastante controversa, sendo chamado de fascista por alguns campos. Sua obra foi ser redescoberta na Rússia apenas após o fim da União Soviética. Ilyin foi ligado com a ROVS de 1920 até sua morte nos anos 1950 e suas principais obras de cunho político viriam a ser publicadas pela ROVS na época de sua morte. Algumas ideias de Ilyin ganham projeção nacional na Rússia e, hoje, algumas publicações ocidentais descrevem Ilyin como o filósofo principal usado para acimentar o governo e ações do presidente Putin. As ideias de Ilyin para a transição na Rússia não são muito claras. Ele defende um sistema de governo autocrático que deve ter força para barrar o colapso da Rússia após o fim do bolchevismo; ao mesmo tempo, Ilyin não defende uma ditadura

---

<sup>26</sup> Ilyin. Ivan. About resisting evil by force 1924 Acessado em 22/11/2023: [https://azbyka.ru/otechnik/Ivan\\_Ilin/o-soprotivlenii-zlu-siloyu/#source](https://azbyka.ru/otechnik/Ivan_Ilin/o-soprotivlenii-zlu-siloyu/#source):

propriamente dita, como um sistema de governo a ser mantido indefinidamente. Além disso, Ilyin defende a monarquia como o sistema mais viável de governo para a Rússia (Rzhevsky, 1996, p. 238). Um dos principais eixos do pensamento de Ilyin é a religião como fonte da moralidade do estado. Para ele, a religião tem papel importantíssimo na composição do povo russo, e a moralidade ortodoxa é base para a reorganização da nação. No seu manifesto, Ivanov propõe uma guinada a valores “genuinamente nacionais” que ecoam parte da filosofia de Ilyin. Tais valores são representados pelos seguintes quatro eixos:

1: Fé Ortodoxa, porque sem a Ortodoxia como religião nacional não há alma nacional russa que aceite a Providência Divina para a Rússia e o povo russo ao longo das gerações do povo russo. O papel da fé ortodoxa como espinha dorsal da civilização russa foi e é bem compreendido por nossos inimigos, e é por isso que, na luta contra a Rússia, seus golpes estão sempre direcionados, antes de tudo, à Ortodoxia.

2: A forma tradicional de governo, que historicamente é a monarquia para nosso país. Por séculos, a autocracia dos Soberanos Russos (Grão-Duques, Czares, Imperadores) foi um presente inestimável de Deus para o povo russo e representou um ideal moral nacional no auge do Poder Supremo, responsável perante Deus pela Rússia, pelos russos e por todos os povos unidos em uma única Pátria Russa. Foi a monarquia que proporcionou à Rússia uma soberania estatal real, que foi efetivamente perdida pelo povo russo após 1917 por um século inteiro. Não é surpreendente que hoje, após o colapso de experimentos sociais monstruosos e sangrentos na forma de construção do socialismo e depois da democracia ao estilo ocidental, cada vez mais pessoas na Rússia estejam inclinadas a uma avaliação positiva da forma de governo histórico e tradicional. Sem dúvida, o ressurgimento da monarquia só pode ocorrer se o povo estiver pronto para isso e expressar sua vontade, mas as vozes e argumentos dos defensores desse caminho de desenvolvimento da Pátria têm o direito de ser ouvidos hoje.

3: Nacionalidade - ou seja, a preservação e o aprimoramento da identidade nacional, religiões tradicionais, costumes e cultura inerentes aos russos e aos outros povos da Rússia; garantindo a conexão histórica das épocas, conexão e continuidade das gerações. A nacionalidade também é uma solução para os problemas sociais dos povos russos: a preservação e o desenvolvimento da

cultura, sistemas de educação, formação profissional e militar, cuidados de saúde, maternidade e infância, pensões em um nível decente - através dos esforços e meios do Estado, com base nos valores cristãos e na verdade de Deus. A nacionalidade é também a responsabilidade do povo perante Deus e sua Pátria.

4: Unidade estatal, porque desde os tempos da Rússia de Kiev, a força de nosso povo está na unidade, e a divisão do país em destinos sempre o enfraqueceu e invariavelmente o mergulhou em sangrentas guerras internas. Ao falar sobre a unidade estatal e garantir sua segurança, devemos ter em mente não apenas a perspectiva de reintegração das terras russas históricas que foram artificialmente desmembradas, contra a vontade do povo, no início dos anos 1990, pela nomenclatura do partido comunista, mas também a necessidade de revisar o princípio desastroso de federalização herdado da União Soviética com base nacional - em direção à unitariedade, que historicamente garantiu a unidade da Rússia.

Tais eixos são comparáveis com a ideologia imperial propagada no reinado de Nicolau I, resumidas pelo lema *Ortodoxia, Autocracia e Nacionalidade* – elaborado pelo conde Uvarov (Hosking 2010 p 146), ministro da educação de Nicolau I – e reforçadas pelo imperador Alexandre III no seu manifesto da *Autocracia Inabalável*<sup>27</sup>. O manifesto da ROVS também reitera ideias já vindas de Ivan Ilyin, que é inclusive retratado no site de *O Alarde* com uma frase que já fora até citada pelo presidente Putin. O manifesto é uma grande mudança de rumos para a organização, principalmente ao apoiar um retorno da monarquia. O apoio explícito ao monarquismo contraria os desejos dos membros fundadores da organização, principalmente Wrangel, que recusou a junção de várias organizações monarquistas à ROVS (Robinson, 2000, p. 164), e desejava que a luta pela ideia branca fosse feita de modo apartidário. A ROVS defendia que os valores universais russos não estavam atrelados a qualquer regime político específico, o que para alguns historiadores foi a principal falha da organização. No presente, a ROVS parece ter resolvido parte desse problema, passando a defender uma forma de governança “compatível” com os valores verdadeiros da Rússia, e tenta resgatar os antigos valores imperiais. O primeiro ponto do discurso *Ortodoxia* não é nada novo para o Movimento Branco, ou para os movimentos antirrevolucionários russos. Desde o início da guerra civil, os

---

<sup>27</sup> Manifesto da Autocracia Inabalável, traduzido pela “Northern Virginia Community College”. Disponível em: <https://novaonline.nvcc.edu/eli/evans/his241/documents/Manifesto.pdf> Acessado em 22/11/2023

Branços sempre foram a favor da manutenção da igreja ortodoxa pelo Estado e da continuação da instituição, em contrapartida aos bolcheviques que pregavam o ateísmo de estado e o fim das igrejas. A religião ortodoxa também foi um dos grandes pilares do sistema imperial russo, então é natural que o movimento se alinhasse com a igreja. Além disso, o apoio à igreja ortodoxa é também útil para mobilizar o sentimento de conservadorismo da população russa e usá-lo como contrapartida ao ocidente liberal, o qual é visto como o inimigo mortal do país, conforme descrito em publicações da ROVS.

O segundo ponto pode ser percebido no trecho “*Por séculos, a autocracia dos Soberanos Russos (Grão-Duques, Czares, Imperadores) foi um presente inestimável de Deus para o povo russo*” Neste a organização parece defender a volta de um governo autocrata (talvez remanescente da ideia de Ilyin de uma “autocracia de reconstrução”), apesar de não entrar em detalhes de como essa restauração da monarquia funcionaria na prática. Apesar da defesa da monarquia como ideal, não há a defesa de um pretendente específico. Nesse ponto, a ROVS evita entrar na disputa interna da família Romanov, e apresenta uma versão “ideal” do que seria seu programa, sem resolver o componente prático de quem deve ocupar o trono. Não há nenhuma ligação aparente entre a organização e os principais pretendentes ao trono. De acordo com a pesquisa realizada no periódico online da organização, não há apoio a Maria Vladimirovna, neta de Kyril Romanov, que foi o principal pretendente nos anos 1930 (Robinson 2000 p 154). A ROVS também não declara apoio a Karl Emich<sup>28</sup> (que adotou o nome dinástico de *Nicolau III*), apoiado pelo partido monarquista da Rússia e “*Czar*” da micronação do “*Trono Imperial*” (um projeto midiático do fundador do partido monarquista Anton Bakov). A defesa da monarquia é também uma maneira da organização mobilizar o sentimento antigoverno no país. Com a trágica dissolução do “império soviético” e as crises econômicas e políticas dos anos 1990, o novo modelo de governo não tem uma grande popularidade na Rússia, e a classe oligárquica ligada ao governo menos ainda. Ao se opor a dois regimes “falidos”, a organização tenta resgatar a nostalgia dos tempos imperiais “em que o país era uma grande potência” com um governo forte. Além disso, o interesse nostálgico pelo império parece aumentar no território da Rússia nos últimos anos, com a criação do partido monarquista russo em 2012 e de movimentos como “Movimento Imperial Russo” (uma organização declarada como terrorista pelos Estados Unidos e responsável por criação de células neonazistas no mundo todo<sup>29</sup>)

---

<sup>28</sup> Informações sobre o partido monarquista da Rússia: <https://monpartya.ru/content/kontakty.htm>

<sup>29</sup> “Perfil” do movimento imperial russo, produzido pelo centro internacional de combate ao terrorismo: <https://www.icct.nl/publication/russian-imperial-movement-war-ukraine-and-future-russian-state>. Acessado em 22/11/2023. Apesar de nomenclatura parecida o Partido Monarquista e o Movimento Imperial não têm nenhuma relação entre si.

ganhando tração no país – basta observar a “marcha para os mártires reais” em Ekaterinburgo que é realizada anualmente<sup>30</sup>. O terceiro ponto, “*Nacionalidade*”, é definido pelo termo russo “*Narodnost*” que, apesar de parecido com o termo “nacionalismo” em sua tradução literal, apresenta aqui um significado mais profundo (Kolstø et al 2015 p 48). A evolução do nacionalismo na Rússia e dos termos usados é bastante complexa. Pelo contexto do documento, é de se entender que o termo *Narodnost* é usado para expressar a noção de nacionalidade da “Grande Rússia”, o que faz sentido para um movimento nostálgico do império, e não só inclui a nacionalidade dos “russos da federação” (território atual da Rússia) mas também os outros “povos da Rússia” (territórios do antigo império). A defesa desse nacionalismo mais “aberto” é um dos diferenciais da ROVS frente a outras organizações nacionalistas que tem um caráter mais étnico e é diretamente um resgate dos tempos imperiais, vis o movimento de “Ortodoxia, Autocracia e Nacionalidade”. Apesar disso, o sentimento de *Narodnost* é também associado à categoria do nacionalismo de “supremacia russa”, que define os russos como o povo que deveria servir de guia para os outros povos do império. O quarto ponto está ligado às aspirações territoriais de reconquistar a “esfera russa” (áreas que foram parte do império até 1914) e com o fim do sistema federal da Rússia, que em tese dá grandes poderes às unidades federais que compõem o país, apesar de haver grandes controvérsias sobre o grau dessa descentralização e da relação da construção do federalismo russo e da crise após a dissolução da URSS (Zhuravskaya 2010 p 77). Além de ser contra o sistema federal, a mensagem principal desse ponto é a ilegitimidade das repúblicas pós-soviéticas, criadas durante a guerra civil para “desmembrar a velha Rússia” nas palavras de Lenin (Page 1950 p 243), tais repúblicas servindo como base para os novos países independentes. Esse manifesto é o primeiro documento realmente político da organização e a primeira elucidação do que é a “Ideia Branca” nos tempos atuais, e ilustra como o Movimento Branco tenta resgatar, e “tomar para si”, o passado imperial.

---

<sup>30</sup> <https://tsarnicholas.org/2020/07/17/10000-march-in-royal-martyrs-procession-in-ekaterinburg/>. Acessado em 22/11/2023. Nessa publicação, é possível observar que o número de pessoas presentes na marcha aumenta anualmente.

## 4 O DISCURSO DA ROVS

### 4.1 Disputas histórica

Com os pontos ideológicos da organização elucidados, é interessante analisar as mensagens que a organização repercute em seu jornal e como elas podem ser articuladas com os pontos do manifesto. As notícias analisadas foram retiradas do jornal da organização “*O Alarde*” e foram separadas usando o sistema de *tags* do site. As notícias analisadas são filtradas pela *tag* “*ROVS*” que agrupa notícias e artigos de opinião especificamente da organização, falando sobre notícias importantes do presente.

Com o retorno da organização à Rússia nos anos 1990, abre-se um grande espaço para os discursos nacionalistas. Além disso, o trauma da queda da URSS gera um grande espaço para a crítica do antigo regime e, com o grande choque econômico e social, a crítica do novo regime. A publicação 14, comemoração dos 100 anos da organização, já traz uma pequena síntese do que a organização pensa, do passado e do futuro do país e o seu papel, nos seguintes trechos.

— Os Guerreiros Brancos foram os primeiros a reconhecer o perigo mortal do bolchevismo e pegaram em armas contra os traidores da Pátria e os escravizadores do povo russo.

— Durante os anos de emigração, os Guerreiros Brancos foram os primeiros a lutar contra a russofobia, o separatismo nacional e a propaganda anti-russa encorajada no Ocidente, preservando zelosamente a fé dos seus pais e a lealdade à Rússia histórica, defendendo a honra e a dignidade do Nome russo nas condições mais difíceis de exílio.

— No trágico ano de 1991, quando a falida elite comunista traiu e desmembrou o país pela segunda vez, os Brancos, tentando evitar o pior cenário, cujo perigo foi alertado pelo ideólogo da ROVS I.A. Ilyin defendeu firmemente a preservação de um Estado unificado, de um exército russo forte e de um caminho histórico russo original, diferente tanto das experiências misantrópicas dos marxistas-leninistas como das aspirações destrutivas do Ocidente liberal moderno.

— No já lendário ano de 2014, os voluntários brancos estiveram entre os primeiros a defender a população russa de Donbass, continuando o trabalho dos seus antecessores na luta contra o separatismo nacional ucraniano pela causa do renascimento de uma Rússia Grande, Unida e Indivisível.

Esses fatores da dissolução da União Soviética dão à ROVS a possibilidade de não ser associada com o novo regime político. A organização estaria “imaculada” dos fracassos soviéticos e republicanos, e busca no Império Russo seu ideal. Na publicação número 12, intitulada *Gorbachev e Iéltzin (exclusivamente minha atitude para as pessoas as quais permanecerem)*, é possível observar como se dão as críticas da organização, dos regimes dos quais ela é dissociada, e como ela se aproveita dos fracassos passados, em trechos como:

Quando vejo (pela centésima e quingentésima vez) as palavras “Gorbachev destruiu a URSS”, compreendo quão zoomórfica é a nossa sociedade.

Um episódio também dos últimos anos. Um cidadão me disse com convicção e fervor: "Sim, eu era do Comitê de Emergência do Estado! Eu queria atirar!!! Depois que Gorbachev assinou os Acordos de Belovezhskaya, que destruíram meu país..." Nesse ponto perguntei de qual encaracolado carvalho ele foi abandonado, se os acordos de Belovezhskaya fossem assinados por Gorbachev? (Um conhecido - antigo, porque se seguiu a decomposição completa - tinha então mais de vinte anos. Entendamos e fiquemos horrorizados: um contemporâneo dos acontecimentos não se lembra da sua sequência). Ele continuou a afirmar, espumando pela boca, que sim, o Comitê Estadual de Emergência era uma reação à Belovezhskaya Pushcha. Tive que enfiar o nariz nas datas. Seu oponente está confuso? Não, os narradores não ficam constrangidos. Ele murmurou que "não é tão importante". Respondi que a diferença é absolutamente fundamental: se fosse assim, o Comitê de Emergência do Estado teria razão, porque rebelar-se contra a traição e entregar territórios é normal.

Mas tudo foi exatamente o contrário: o golpe do Comitê de Emergência acabou por perturbar a assinatura do Tratado da União, que Gorbachev tentou com todas as suas forças levar a cabo. Se o acordo tivesse sido assinado, tudo teria acontecido de forma diferente, deveríamos ter evitado as monstruosas baixas russas nas repúblicas. O “desfile de soberanias” começou sob Iéltzin, mas “Gorbachev arruinou o país”. Bonitinho. A Crimeia lá foi simplesmente

escandalosa, foi cedida sem olhar, em frenesi. Tudo o que temos hoje na Ucrânia é graças ao querido Boris Nikolaevich. Gorbachev cometeu um número monstruoso de erros, mas aceitou um país que já estava a desmoronar-se. Foi precedido por “cinco anos de funerais magníficos”; a estagnação transformou-se em necrose. É fácil avaliar seus erros a partir de hoje. Provavelmente sim, ele não compreendeu que os rivais geopolíticos não têm medo não da ideologia comunista (por que haveriam de ter medo dela?), mas simplesmente de um país que é próspero sob qualquer regime. Vamos derrubar o muro por eles (isso é uma coisa boa), e eles vão parar de empurrar a NATO para as fronteiras. Ele não entendeu que a demonstração de boas intenções em todos os momentos e em todos os lugares é percebida na geopolítica como uma fraqueza.

Mas volto repetidamente ao meu interlocutor às questões: porque é que os liberais (também os Bonacons) adoravam Ieltsin e odiavam Gorbachev? Porque, quando se trata do colapso do país, a maior parte do nosso patriotismo, como se assumisse o bastão dos liberais dos anos 90, aponta todas as flechas para Gorbachev, quase esquecendo o papel de Iéltzin?

Nesse trecho, se observa que o discurso é feito no intuito de associar a queda do regime soviético e a perda territorial não só a Gorbachev, mas também a Iéltsin. Propagar esse discurso permite à ROVS criticar a Federação Russa e a União Soviética e responsabilizar duas figuras importantes dos dois regimes, Gorbachev e Iéltsin. Além disso, criticar Iéltsin é criticar a fundação da Federação Russa, já que Iéltsin é um dos seus principais fundadores, e associar a Federação Russa com a perda de territórios que hoje geram conflitos entre a Rússia e seus vizinhos gerando uma visão negativa do governo.

Na publicação número 20, intitulada *Aos Irmãos Eslavos*, é possível observar esse retorno ao discurso Imperial e o uso dos discursos do Império para legitimar o retorno dos velhos territórios. Esse discurso é datado de 1925, mas foi republicado pela ROVS em 2023.

Os graves desastres que se abateram sobre todo o povo russo são agravados pela discórdia semeada entre os seus três ramos, com a intenção de cavar um abismo que separaria os Pequenos Russos e Bielorrussos dos Grandes Russos.

Nós, pequenos russos e bielorrussos, não abrimos mão das nossas características nacionais, que conhecemos e amamos desde a infância: a língua da nossa terra natal, as canções do nosso povo, a sua moral e costumes, todo



o seu modo de vida são caros para nós.

Mas não esquecemos que somos todos ucranianos, kubans, galegos, bielorrussos, todos sem distinção de convicções políticas, ao mesmo tempo, os russos estão no mesmo nível dos grandes russos, tal como os bávaros e os saxões são alemães, num a par dos prussianos, os provençais e os gascões são franceses, juntamente com os bretões, os toscanos e os sicilianos são italianos, juntamente com os lombardos.

É claro para nós que a Grande Rússia não é equivalente à Grande Rússia. Os pequenos russos e bielorrussos trabalharam não menos que os grandes russos para criar uma pátria comum.

O ponto da preservação dos territórios da Bielorrússia e Ucrânia e o sentimento de pan-eslavismo continua até os dias atuais e é parte central da ideologia da ROVS. O próximo trecho da notícia também oferece uma narrativa interessante quanto aos argumentos para a “integralidade territorial” das terras do antigo Império:

Kiev deu à Rússia um nome comum, Ortodoxia Oriental e a consciência da unidade russa; não apenas a anexação voluntária da Ucrânia a Moscou, mas também o iluminismo de Kiev e Vilna no século XVII, representado por uma série de instituições educacionais no sudoeste da Rússia. , contribuiu para o desenvolvimento e criação de uma cultura e Estado russo comum. A Academia Teológica de Kiev foi a primeira instituição de ensino superior russa que educou vários pequenos cientistas russos - Melenty Smotrisky, Simeon de Polotsk, São Dmitry de Rostov, Feofan Prokopovich e outros, sob cuja influência direta os valores culturais da Rússia foram criada.

No trecho acima, a valorização de Kiev como uma cidade importante para a fundação do estado russo, e as suas seguintes contribuições ao decorrer da História, servem para fundamentar a reivindicação da Ucrânia e da Bielorrússia como partes integrais da Rússia, e que essa integralidade viria desde o passado longínquo, reivindicação reforçada pelo seguinte trecho:

Portanto, não é claro o desejo de alguns Pequenos Russos e Bielorrussos de renunciarem ao seu nome original de Russos apenas porque pertence aos

Grandes Russos, de mudarem a fé Ortodoxa porque a Igreja de toda a Rússia é chefiada pelo Patriarca de Moscovo, e de se afastarem dos frutos dos esforços culturais das gerações anteriores comuns aos Grandes Russos, para com novos nomes, seguindo um novo credo, construir os edifícios de uma nova cultura quase desde a fundação.

O futuro não pode ser divorciado do passado, e se a história de cada nação não estiver isenta de deficiências, então é fácil compreender que os erros do passado não podem ser corrigidos abandonando o passado.

O manifesto é finalizado com:

Com plena convicção de que a negação da unidade russa é explicada apenas pela ilusão de muitos Pequenos Russos e Bielorrussos, que deve ser substituída pela consciência da inevitabilidade de uma cooperação estreita e voluntária de todos os ramos do povo russo, apelamos a todos os ucranianos, Kuban, galegos e bielorrussos que não abafaram os sentimentos de sangue nas suas almas e as ligações culturais russas, a um trabalho amigável que contribuirá no futuro para uma unidade viva e livre da cultura russa que seja parte integrante da sua versatilidade.

Esse pequeno trecho mostra os fins que esse discurso busca, a união dos “*Pequenos Russos*” (ucranianos) e os Bielorrussos no “sentimento de sangue” e “suas almas”, e tenta valorizar as características que unem esses povos no que seriam os “povos russos” e demonstrar que a união de todos esses povos em uma única nação seria positivo para todos.

Partindo do eixo do discurso imperial, a ROVS tenta dissociar a Rússia moderna dos tempos soviéticos, incluindo deslegitimar as nações criadas no período. Para a ROVS, a Rússia moderna deve se livrar totalmente da “regalia” comunista, que seria um regime anti-Rússia, ainda existente no país, como estátuas, nomes de ruas etc., e substituí-la por lembranças e comemorações dos tempos do Império e dos heróis antibolcheviques da guerra civil. A notícia número 1, intitulada “*A armadilha da resovietização - o caminho para o colapso do país*” já fala sobre as supostas armadilhas de fomentar a comemoração dos tempos soviéticos, como descrito pelo trecho a seguir.

Recentemente, a minoria política de esquerda e as forças anti-russas externas que operam através dela têm tentado activamente impor à sociedade russa os

símbolos, nomes de lugares e valores julgamentos da era do totalitarismo soviético: foi lançada uma campanha de informação pouco saudável na Federação Russa, criando a aparência de restauração da ideologia comunista soviética no país. É característico que esta campanha se tenha intensificado especialmente imediatamente após o início da operação militar especial (SVO) na Ucrânia.

A tentativa de fixar o odioso nome de I. Stalin no mapa da Rússia, renomeando Volgogrado, é apenas um exemplo recente disso. Embora respeitando a memória dos heróis da Batalha de Estalinegrado, não podemos deixar de salientar a natureza destrutiva de tais iniciativas. Notemos que ao mesmo tempo, após a remoção de Khrushchev, mesmo a própria liderança soviética não devolveu o nome de Stalin ao histórico Tsaritsyn nem ergueu um monumento ao principal organizador da repressão contra milhões de nossos compatriotas. Mas os marechais da Vitória que estavam vivos naquela época e numerosos verdadeiros veteranos da Grande Guerra Patriótica não pediram isso de forma alguma. É significativo que a iniciativa abertamente provocativa de renomear Volgogrado hoje não tenha sido apoiada nem no Kremlin nem entre o povo e tenha falhado completamente durante uma votação experimental na Internet.

Mas, repetidamente, a oposição de esquerda - oficial e oculta - entusiasma o país com iniciativas que causam perplexidade e uma reação de choque na sociedade: propõe-se devolver o monumento a Dzerzhinsky e depois substituir a histórica bandeira do estado russo pela bandeira de a URSS, então usará símbolos do partido comunista na zona do Distrito Militar do Norte, ou reviverá a SMERSH (O que nos impede de intensificar a luta contra terroristas, espões e traidores dentro dos serviços de inteligência existentes?) Etc., etc.

Esta tendência começou a manifestar-se de forma especialmente intensa nos territórios históricos da Rússia libertados dos nacionalistas ucranianos, onde em vez de símbolos e imagens que unem o nosso povo, são plantados monumentos ao desmembramento da Rússia Ulyanov (Lenin), e assentamentos e ruas, em vez de retornar seus nomes históricos ou atribuição de nomes de heróis do Distrito Militar do Norte, são deliberadamente dados

nomes associados à era das Grandes Perturbações e figuras cujos nomes estão associados à destruição da Rússia Histórica, ao ateísmo e ao terror político.

É óbvio que tais iniciativas escandalosas não refletem as opiniões da maioria dos cidadãos russos e contradizem diretamente o rumo correto recentemente proclamado pelo poder supremo da Federação Russa rumo à unificação do povo russo, à unificação de toda a sociedade russa em torno os seus valores tradicionais (com os quais o Marxismo-Leninismo não está de forma alguma relacionado).

Esse trecho traz em si as principais ideias do manifesto da organização, além de trazer consigo todo o discurso antibolchevique da ROVS e sua visão do passado recente. Além disso, a publicação traz os fatores negativos que essa “resovietização” traria para a Rússia moderna no trecho a seguir:

Outra coisa é óbvia: o desejo obsessivo da esquerda de empurrar a Rússia para o abismo da re-sovietização satisfaz plenamente os interesses do Ocidente Colectivo e é combustível para o moinho de propaganda do regime de Kiev. Tudo isso cheira fortemente a trabalhar para um cliente de política externa: direta ou indiretamente, consciente ou cegamente, os adeptos da “viragem à esquerda” estão ativamente envolvidos hoje em operações de informação e psicológicas de serviços especiais anti-russos, contribuindo para o fato de que:

1) criam um amplo terreno para a propaganda anti-russa, apresentando à Rússia, numa falsidade, a imagem do supostamente ressurgente “Império Vermelho totalitário do Mal”, que já empurrou e continua a afastar da Rússia até mesmo aquelas forças sociais e políticas em todo o mundo, incluindo. e na Ucrânia, que anteriormente o apoiou;

2) orientar a ampla opinião pública nos países vizinhos da Rússia para apoiar a entrada antecipada na OTAN sob a influência de uma falsa tese sobre a alegada ameaça de uma nova invasão comunista. (Não devemos esquecer, na memória histórica, por exemplo, do povo da Finlândia, os tanques sob as bandeiras da URSS - tão obsessivamente demonstrados pela mídia russa em reportagens da zona do Distrito Militar Norte - estão diretamente associados à invasão do Exército Vermelho em 1939);

3) aumentar a motivação para a resistência por parte das Forças Armadas Ucrainianas e a rejeição das autoridades russas nos territórios libertados, porque se a ideia do mundo russo em 2014 foi apoiada e aceita por um número significativo da população da Ucrânia, então a aparência ativamente promovida de um “renascimento da União Soviética” causa rejeição em massa na Ucrânia, especialmente entre a classe média geração e juventude (bem como entre a maioria dos jovens na própria Federação Russa);

4) contribuir para o aprofundamento da divisão na sociedade russa, cuja maioria absoluta está muito longe do desejo de “regressar” à URSS totalitária, e mais ainda aos tempos do Gulag e da SMERSH; formar confrontos políticos e conflitos na sociedade e, de fato, preparar o terreno para uma nova guerra civil na Rússia;

5) criar os pré-requisitos para conflitos por motivos nacionais e religiosos, formando uma percepção de protesto sobre o que está acontecendo entre milhões de crentes - ortodoxos, muçulmanos, representantes de outras religiões tradicionais do país, bem como entre povos inteiros da Rússia (incluindo chechenos e tártaros da Crimeia), que foram submetidos, sob Stalin, a perseguições em massa, realocações e repressões. A lista de consequências negativas das políticas de “viragem à esquerda” é infinita...

Para a ROVS, associar a Rússia à União Soviética seria uma armadilha que daria argumentos para as nações que se tornaram independentes, em especial a Ucrânia, as quais se afastaram da Mãe Rússia para se juntar ao mundo ocidental, que é representado pela OTAN. Tal retorno aos tempos soviéticos causaria uma repulsa nesses estados a retornar à Rússia. Além disso, condenam o autoritarismo soviético (ao mesmo tempo que defendem *Autocracia* como um ponto chave de seu manifesto) e defendem que tal retorno à “regalia” soviética teria o resultado de criar animosidades entre os povos da Rússia, principalmente dos que foram vítimas da repressão na época Stalinista. Em outro trecho, levantam os perigos dessa “guinada vermelha”:

Cui prodest? (Procure quem se beneficia - lat.) Nosso povo no século XX já recebeu uma lição amarga e sangrenta das chamadas “revoluções” durante a guerra. E ele sabe como terminaram as guerras com o inimigo externo em

1905 e 1917, depois de a oposição interna ter conseguido organizar cisões e agitação na retaguarda, e as bandeiras vermelhas dos partidos de esquerda começaram a tremular nas frentes. Mas os inimigos da Rússia também não se esqueceram disto: após o fracasso dos planos “liberais Maidan”, os chamados. A “viragem à esquerda” e o Maidan vermelho, de acordo com os padrões de 1917, continuam a ser o cenário mais promissor para a destruição da Rússia. Os fanáticos modernos do “stalinismo” nem sequer aprenderam as lições de 1941-1945. É bem sabido que quando o seu ídolo foi confrontado com um perigo mortal, ele foi forçado a descartar slogans comunistas impraticáveis e a recorrer aos símbolos seculares, às tradições militares históricas e aos sentimentos religiosos do povo russo que verdadeiramente unem o país.

Hoje, a oposição comunista age exactamente ao contrário: especulando constantemente sobre o tema da Grande Guerra Patriótica, na verdade, descarta a experiência de 1941-1945, que se tornou um sucesso para a União Soviética. Pelo contrário, com o início do Distrito Militar do Norte, a esquerda está tentando ativamente substituir as ideias e símbolos nacionais unificadores por partidos, corrompendo e envenenando a mídia russa, a consciência pública e as instituições estatais do país com a carniça do bolchevismo. No contexto do confronto político-militar e económico sem precedentes que a Rússia enfrenta hoje, a sociedade russa precisa mais do que nunca de unidade interna. E isso só pode ser alcançado com base no retorno aos valores verdadeiramente tradicionais, ou seja, próximo e querido não apenas pelos partidos políticos individuais, mas por todo o nosso povo.

Para a ROVS, o perigo da volta das regalias do comunismo trará destruição para o país e acabará com a unidade interna da nação. O texto também critica a posição do governo contra essas iniciativas pontuais sobre o retorno dos símbolos soviéticos.

Ouvimos dizer que em todas as declarações políticas do Presidente da Federação Russa nos últimos anos, foram dadas instruções para a implementação deste curso. Ouvimos do Presidente da Federação Russa uma avaliação totalmente objetiva dos processos históricos que ocorreram e estão ocorrendo no mundo e em nosso país, incl. Revolução Bolchevique e suas consequências devastadoras. Porém, no nível das execuções – especialmente desde o início do Distrito Militar do Nordeste – vemos o quadro exactamente oposto de flertar com os símbolos da era do totalitarismo comunista. E,

infelizmente, vemos a falta de resistência adequada a esta tendência por parte do poder supremo da Federação Russa. Como resultado, estabeleceu-se agora na Federação Russa uma situação de uma espécie de bigamia ideológica, que desorienta e divide a sociedade, as estruturas governamentais e o exército russo. O que é especialmente perigoso no contexto da guerra russo-atlântica. É necessário perceber a gravidade e o perigo desta situação o mais rapidamente possível. Flertar com a armadilha da ressovietização é um caminho direto para o colapso do país. Um povo dividido com uma consciência dividida não pode criar um grande Estado nem vencer guerras. Muito menos, resistir à turbulência trazida de fora. O dever de todos os patriotas russos é defender a pátria dos inimigos externos e protegê-la de novos distúrbios internos. Pois está dito: “Todo reino dividido contra si mesmo é desolado; e toda casa dividida contra si mesma não subsistirá” (Mateus 12:25)

Um desses retornos da simbologia e “regalias” soviéticas é a recolocação da estátua de Félix Dzerjinski<sup>31</sup> à frente do prédio da Lubyanka (atual prédio da FSB e antigo prédio da Cheka<sup>32</sup>), que é satirizada na notícia número 13, *Novas aventuras dos antigos vingadores*, que fala do uso de uma música infantil da época soviética que tocou na reinauguração da estátua, e satiriza com a idade dos presentes no evento.

Aqui há uma grande crítica da política de governo, que procura conciliar os passados soviéticos e imperiais, e busca “enterrar o passado”. Esse movimento do governo é exemplificado da própria maneira com que o governo russo traz aspectos do discurso nacionalista do império ao passo que traz também elementos soviéticos, como por exemplo o presente hino da Federação Russa. Uma das faces dessa conciliação é o retorno, em 2005, dos restos mortais de Denikin e Iliyn, membros importantes do Movimento Branco, o que serviria como um meio de encerrar a guerra civil e começar uma nova página na história do país e criar as bases do regime presente (Laruelle 2020). Essas iniciativas de tentar encerrar a guerra civil encontraram dificuldades, principalmente quando a família de Pyotr Wrangel nega a realocação dos seus restos mortais porque, segundo eles, “ainda não houve uma condenação dura dos crimes do regime bolchevique”<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> Primeiro diretor da Cheka (serviço secreto que se tornaria a KGB) responsável por diversos crimes cometidos pelos serviços secretos soviéticos (Smele 2015 p 354)

<sup>32</sup> Serviço secreto constituído durante a guerra civil, no futuro se transformou na KGB (Smele 2015 p 264)

<sup>33</sup> Matéria sobre o enterro de Denikin que cita o caso dos restos mortais de Wrangel. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/the-dearly-departed-return-to-russia>

## 4.2 Conflitos na Ucrânia e conspirações ocidentais.

A partir de 2022 há uma “guinada” nas publicações do site. Com o início da guerra aberta na Ucrânia, a maioria das notícias do site consiste em atualizações, análises e discursos sobre o conflito. Apesar de ter uma posição antigoverno em quase todos os aspectos, na área de política internacional o discurso da ROVS se alinha quase que completamente com o do Kremlin. Desde 2014, início da crise Ucraniana, a ROVS alinha seu discurso com a defesa da *Grande Rússia*, que reforça o ponto de *Narodnos*” e a preservação do território imperial e do mundo russo frente ao ocidente. É interessante notar que a ROVS, em todas suas publicações, trata a guerra na Ucrânia como uma *guerra civil entre os povos da Rússia* e descreve o governo ucraniano como um *governo de ocupação pelos globalistas* implementado pelo governo dos Estados Unidos. Os ucranianos (civis) são descritos como vítimas dessa ocupação e apenas os nacionalistas ucranianos, e suas formações militares, são considerados inimigos, em contraste com os movimentos nacionalistas de grau mais étnico que vêem uma distinção clara entre os russos do Donbass e os ucranianos do resto do país. O discurso em relação à Ucrânia, apesar de “embalado” em tom conciliador, é bem claro: a ROVS é contra qualquer tipo de independência da Ucrânia, o que é perfeitamente exposto no título da notícia número 15, *A “independência” da Ucrânia é a morte para seu povo*, que, em trechos como

Na Ucrânia, o chamado 32º “Dia da Independência foi comemorada vigorosamente, embora os resultados desta mesma “independência” sejam muito desastrosos. Há uma guerra lá pelo décimo ano consecutivo centenas de pessoas morrem todos os dias. Há pobreza e devastação por todo o lado: o lado das receitas do orçamento consiste em principalmente de empréstimos ocidentais, que agora não serão reembolsados durante os próximos 32 anos. E todas as questões da política externa e interna da “Ucrânia independente são decididos por curadores ocidentais”,

Fica demonstrada oposição à independência do país e argumenta que essa seria danosa para o povo. O título e o texto da matéria resgatam o discurso da “Pequena Rússia”, vindo de figuras do Movimento Branco como Ivan Ilyin e Anton Denikin e da política oficial dos tempos do



império. Tal discurso descreve as práticas culturais e a língua ucraniana como simples variações regionais das práticas e língua russa, e que os dois povos são um só. Há, também, o fato da criação da “RSS” da Ucrânia ser considerada parte do desastre de 1917 e ser, por isso, um estado ilegítimo. Além disso, as publicações sobre a Ucrânia trazem um tom conspiratório em que o Ocidente, em especial os Estados Unidos, tem planos contra a Rússia e pretendem destruir o país para manter sua hegemonia mundial. Tal ideia é descrita no trecho:

É um caso especial importante, mas não único, na cadeia de acontecimentos mundiais revolucionários, um subestado artificial que está sob o controle do Estado profundo global. A Ucrânia foi criada por comunistas, que separaram do Império Russo unitário repúblicas nacionais semi-independentes com o direito de se separarem, que tinham o seu próprio aparelho estatal, fronteiras e línguas oficiais.

É interessante notar o uso do termo *Estado profundo global*, e que tanto no manifesto quanto nas publicações a organização mantém tal tom conspiratório sobre um ocidente que estaria tentando destruir o “mundo russo” não só de maneira geopolítica, mas também espiritualmente, aqui entrando um discurso com pautas contra o movimento LGBT+, que se complementa com o lado religioso do manifesto, como descrito em trechos da notícia 16, *Está em curso uma descristianização ativa, na qual não só a UOC Ortodoxa, mas também os crentes de outras religiões são perseguidos se não partilharem os ‘valores’ degenerados do globalismo*. A conspiração para a destruição do mundo cristão e da Rússia, usando da independência da Ucrânia, é também explorada na notícia número 23, intitulada *Os livros didáticos ensinam você a acender velas para demônios*, que fala sobre a educação na Ucrânia. A notícia já abre no trecho:

**Soros tornou-se o principal professor dos ucranianos.** No dia 5 de outubro, muitos países ao redor do mundo celebraram um bom feriado - o Dia do Professor. Mas nem em todos os lugares eles ensinam mais coisas boas. E esta data faz-nos pensar mais uma vez no papel prejudicial desempenhado pelo sistema educativo corrupto da Ucrânia na zumbificação de crianças e jovens. Todos sabem que a russofobia, o ódio à Ortodoxia canônica e a corrupção sexual foram instilados nas crianças das escolas locais e nos estudantes universitários durante décadas, e estas tendências intensificaram-se descontroladamente após o Maidan. Depois de 2014, o arquitraidor Mazepa,

o sangrento terrorista Bandera<sup>34</sup> e personagens vis semelhantes foram finalmente “canonizados” lá como heróis nacionais (embora isso tenha acontecido parcialmente antes disso).

O texto já abre com a citação a George Soros<sup>35</sup>, uma figura polêmica na atualidade, sem entrar em realmente quem é essa personagem. Ele é citado em diversas teorias de conspiração, de direita e esquerda, como uma figura que busca controlar o mundo usando de suas conexões na política dos EUA. Apesar de já começar explicitando essa conspiração do Ocidente para separar os dois países, a publicação também rastreia essa ideia na criação da RSS da Ucrânia, ideia essa descrita no trecho:

No entanto, tais tendências já estavam presentes nas escolas da RSS ucraniana, embora geralmente não se manifestassem de forma tão clara. O mesmo revolucionário literário de terceira categoria, Taras Shevchenko, com seus poemas russófobos e anticristãos, foi reverenciado na RSS ucraniana ao nível de uma espécie de profeta e gênio nacional, o que se refletiu não apenas nos livros escolares, mas também em monumentais propagandas, em filmes e na mídia. Na RSS ucraniana, foram erguidos aproximadamente 2.000 monumentos a Shevchenko: foram colocados em todas as cidades e até em muitas aldeias, e depois as crianças foram levadas em massa para adorar este ídolo, como se fosse um mausoléu. Seus poemas inúteis sobre como “pessoas de sobrancelhas negras não conseguem fazer amor com moscovitas” foram citados com prazer em todos os lugares.

Alinhando o discurso de que a destruição do mundo russo começa desde os bolcheviques e que o estado ucraniano estaria seguindo a tendência que viria da sua criação

---

<sup>34</sup> Stephan Bandera foi fundador do grupo de nacionalistas ucranianos que atuou contra a União Soviética durante a década de 30 e 40. Foi aliado temporariamente com a ocupação alemã da Ucrânia até ser mandado para o campo de concentração de Auschwitz, onde foi executado pelos alemães. A sua organização nacionalista combateu tanto formações alemãs quanto *partisans* soviéticos além de cometer massacres contra poloneses na região da Galícia ucraniana. Hoje tem um complexo legado na Ucrânia visto pelos nacionalistas a direita como um herói da libertação nacional e odiado pelos grupos pró-rússia como um traidor do povo eslavo. A glorificação de Bandeira e outras figuras da colaboração também traz grandes problemas internacionais para a Ucrânia, como a polêmica de um soldado ucraniano da SS falando no parlamento canadense em 2023 e o fim da ajuda militar da Polônia, que citou a glorificação dos massacres contra os poloneses como um dos motivos.

<sup>35</sup> Bilionário de origem Judaico-Húngara, hoje financia diversas ONGS e outras organizações de filantropia pelo mundo. Por conta de sua influência e apoio a organizações e governos é figura central de diversas teorias conspiratórias, em especial pelo seu projeto “Open Society Foundations”. Artigo bibliográfico de George Soros publicado pela revista Business Insider. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/george-soros-billionaire-investor-profile-2017-1>

como entidade “independente”, a publicação continua, agora em tom mais religioso, falando sobre o suposto currículo escolar da Ucrânia, e tentando justificar a invasão de uma forma religiosa quando fala de “dessatanização” e tentando usar da psicologia como um pilar de legitimidade desse discurso:

E o pleno florescimento dos ultrajes começou com a “independência”. Poucas pessoas sabem que, na década de 90, até as ideias de justificação de demônios, bruxas e outros espíritos malignos foram introduzidas nos currículos escolares da Ucrânia. Portanto, as ideias de dessatanização da Ucrânia, expressas inclusive no Conselho de Segurança da Federação Russa, causam ceticismo entre algumas pessoas ignorantes. No entanto, isto é um facto: os fundamentos do ocultismo negro e dos cultos demoníacos radicais foram astuciosamente estabelecidos nos programas educacionais e depois desenvolveram-se rapidamente na forma de seitas e gangues. Do ponto de vista da psicologia de crianças e adolescentes, é difícil pensar em algo mais destrutivo para eles do que justificar símbolos das trevas. A maioria dos psicólogos e educadores, sejam eles cristãos ou ateus, admitem que é impossível justificar imagens do mal que foram consideradas assim durante milhares de anos. Para criar um filho é muito importante que ele compreenda os limites entre a luz e as trevas, mesmo nas brincadeiras de rua, e mais ainda nos livros didáticos. Portanto, nos contos populares, o bem sempre triunfa sobre o mal e há uma clara diferença entre eles. Por exemplo, Irina Medvedeva, uma famosa psicóloga e psiquiatra, escreveu muitos artigos científicos sobre este assunto. Do ponto de vista de um psicólogo ateu, elogiar o mal pode levar a uma forte violação das coordenadas morais das crianças na idade adulta; além disso, isso pode eventualmente envolver adolescentes e jovens em seitas de orientações satânicas e outras orientações destrutivas. E do ponto de vista da Ortodoxia, esta é uma tentativa de fazer as crianças concordarem com as forças infernais, o que acarreta a morte tanto neste mundo como no próximo.

A notícia continua a descrever como os livros didáticos supostamente falam sobre a adoração a bruxas e outros seres demoníacos enquanto detratam os valores cristãos e proliferam o ocultismo na Ucrânia, e como a editora teria sido financiada por George Soros. E encerrando a publicação com:

É impossível analisar detalhadamente todo este tutorial em um pequeno artigo, mas para resumir, posso dizer que foi escrito de uma forma muito profissional e inteligente. Os autores tentaram parecer cientistas objetivos, não se desviaram muito claramente do monismo materialista e não pregaram abertamente o satanismo. Mas, na realidade, este livro empurra as crianças para o satanismo, está cheio de mentiras e manipulação. Eles constantemente nos apontam que existem muitas deficiências na Federação Russa moderna. Sim, existem muitos deles, mas ainda não atingimos o mesmo nível de degradação que no Ocidente e na Ucrânia. Portanto, a libertação da população da Ucrânia pelas tropas russas é um benefício espiritual para eles.

No final da publicação, o seu intuito fica claro: justificar a invasão da Ucrânia e vendê-la como algo positivo para a população ucraniana, que seria libertada espiritualmente pelas tropas russas, além de chamar a Ucrânia de um “subestado” artificial, argumento usado por defensores de sua anexação.

O discurso contra “os valores degenerados do globalismo” pode ser bem mais explorado no texto da notícia 21, que cita dois massacres perpetrados por atiradores transgêneros nos Estados Unidos. É possível ver os tais “valores degenerados do globalismo” em trechos como:

Esta lavagem cerebral e a zombaria do bom senso aumentam dramaticamente o número de tiroteios em massa, que são muitas vezes cometidos por indivíduos psicopatas que perderam a sua identidade racial, nacional e de gênero sob a pressão da propaganda estatal. Voltando ao caso da menina que se imaginava homem, podemos dizer que a situação ali não era menos flagrante.”

A máquina estatal estabeleceu como objetivo sodomizar a sociedade, elevar os animais acima das pessoas, destruir a instituição da família, fazer dos cristãos brancos uma minoria oprimida - e, infelizmente, alcançou em grande parte o seu objetivo. Na verdade, no caso de Hale, os meios de comunicação social americanos não fizeram alarido sobre o facto de uma criatura pervertida estar a matar crianças: as suas “orientações” e visões “ecológicas” selvagens eram geralmente silenciosas e não criticadas. Mas a crítica histórica à “intolerância” para com os “transgêneros” infelizes e gentis continua.

O problema nos EUA e nos países da UE não está absolutamente nos degenerados individuais, mas precisamente na política degenerada do Estado, que persegue a adesão à norma e corrompe as crianças. O estado americano submete à força TODAS as crianças à propaganda massiva de perversões, muitas vezes doutrinando-as em currículos apropriados desde o jardim de infância. A psique de uma criança é subtilmente perturbada em tenra idade e, independentemente das opiniões tradicionais que os seus pais possam ter, isso não acontecerá sem consequências graves. E muitos adultos estão incomodados com esta massiva “publicidade LGBT” combinada com a pressão administrativa das autoridades. Além do facto de nos Estados Unidos haver há muito tempo uma perseguição aos opositores públicos de tal publicidade, eles também lançaram terror real contra famílias normais, mesmo que os seus chefes não declarem abertamente os seus pontos de vista. O terror está muito generalizado, com o confisco de crianças de pais normais e a subsequente “adoção” de crianças por sodomitas, e até mesmo “redesignação de género” das crianças apreendidas.

Além disso, este sistema de supressão da normalidade como um todo foi criado e apoiado por pessoas que não só não querem “mudar de género”, mas também são pais de muitos filhos. Deixe-me lembrá-lo que o mesmo presidente dos EUA, Biden, tem três filhos e cinco netos, o zeloso patrocinador da propaganda da falta de filhos e das perversões, Soros, tem cinco filhos, e o mesmo “filantropo” David Rockefeller teve seis...

Muitos opositores da Rússia gostam de censurar o nosso país pelo facto de também termos pervertidos, incluindo os que estão no topo. Mas no nosso país, a sua “orientação” não é a política governamental, como nos EUA ou na União Europeia. Pelo contrário, felizmente, a nossa política está cada vez mais a mudar no sentido de apoiar a instituição da família e dos valores espirituais e morais. Assim, em 14 de Junho, a Duma do Estado adoptou em primeira leitura uma lei que proíbe a chamada “mudança de género”. É claro que, em princípio, nenhuma “mudança de sexo” é possível - homens e mulheres têm conjuntos de cromossomos completamente diferentes, sem mencionar muitas outras diferenças. Portanto, se alguns “médicos” de Audrey Hale costurarem alguns imitadores e a encherem com hormônios masculinos, eles não farão dela um homem, mas uma pessoa doente e deficiente. É assim que esse absurdo de propaganda chocante SEMPRE termina. Além disso, essas pessoas

com deficiência muitas vezes tentam de alguma forma “provar” a sua masculinidade – daí o facto de atirarem em crianças. A Duma vai proibir esta selvagem insanidade “médica”, e isto é muito correto, e já era tempo de o fazer

Nesses trechos, é importante notar a ideia de uma conspiração da elite Ocidental, que usa da “publicidade LGBT+” como um meio de “dominar o Ocidente” e sua população, ao mesmo tempo que tenta exportar essa “ideologia” pelo mundo, tendo como alvo também a Rússia. O texto 21 se encerra no último trecho citado, que aplaude a Duma por se opor a “selvagem insanidade ‘médica’”. Aqui, é interessante analisar que o discurso da ROVS, como uma organização de direita, pode ser também compatível com o de outras organizações de direita no mundo Ocidental, e que discursos como esses sobre notícias de fatos que nada tem a ver com a Rússia podem servir para angariar apoio internacional. Além disso, há menções a George Soros e a outras figuras “universais” das conspirações da direita pelo mundo; tais figuras que aparecem em diversas “conspirações anti-Rússia” publicadas no site.

Tal ideia de um “cerco de conspirações estrangeiras” não é nova na Rússia. O medo do estrangeiro e de suas “ideologias” esteve presente no país durante toda sua História. Nos tempos do império, o movimento “eslavista” já vinha trazendo a defesa de uma “civilização russa” diferente das outras. Essa ideia em que a civilização russa é desenvolvida de modo diferente é, atualmente, apropriada principalmente pelo movimento Eurasianista. Este, que foi conectado ao Movimento Branco dos anos 1920, e é hoje reapropriado pela ideologia de Aleksander Dugin<sup>36</sup> e sua “quarta teoria política”. O discurso anti-LGBT+ é só mais uma das faces da “luta civilizacional” contra o Ocidente, e pode ser mobilizado junto de discursos religiosos fortalecendo a percepção da “civilização cristão ortodoxa” contra o “decadente Ocidente liberal”, além de ter ressonância em grupos ocidentais que podem vir a apoiar a Rússia. Esse discurso da Rússia contra o Ocidente é bastante alinhado com o discurso de outros movimentos nacionalistas, como por exemplo o movimento Eurasianista, que vêm ganhando espaço na Rússia.

Apesar das aproximações ideológicas, a ROVS não se alinha ao atual movimento Eurasianista, como se pode observar na publicação número 12, intitulada *Qual é o erro dos Eurasianos?* A publicação descreve seu problema com o Eurasianismo de forma sintetizada em *A Rússia não é Ásia (...) Não foi a Horda<sup>37</sup> que ensinou a Autocracia aos russos, e na verdade,*

<sup>36</sup> Teórico do Eurasianismo moderno e conhecido como “Guru de Vladimir Putin” (Kolsto et al 2015)

<sup>37</sup> Aqui Horda é usada pra definir o Império Mongol. Para os eurasianistas, a influência da conquista mongol é fundamental para a criação do Estado Russo.

*a vida estatal no geral (...)*, e propõe uma ideia de “uma Rússia não ocidental e não Asiática”, mas como uma cultura herdeira da tradição “Romano Oriental Ortodoxa” vinda de Bizâncio que é descrita no trecho *Tivemos um professor mais velho – O Império Bizantino, com sua complexa cultura cristã e colossal experiência na organização do poder estatal*. Além disso também argumenta porque a Rússia também não é a Europa, no trecho:

A Rússia não é a Europa (...) O catolicismo e o protestantismo passaram por nós, e parece que a descrença também, depois de bicar as migalhas da mesa soviética, está voando para longe. Não temos nenhuma reverência pelo poder da bolsa de dinheiro.

Além de pensar a diferença da Rússia e da Europa nesse sentido “metafísico”, há também um discurso de diferenças de organização e valores sociais: *No nosso país, a democracia de estilo europeu é vista como um reino dos bandidos, que invariavelmente bota o poder na mão das pessoas mais ricas, e de mais ninguém*. Essa visão mais radical entre a Rússia e o Ocidente não é tão diferente da empregada pelo governo, apesar do governo adotar uma postura menos radical em relação a isso, que foca muito mais em falar sobre esferas de influência e a competição geopolítica do que uma visão de “guerra civilizacional espiritual”.

Essa guerra espiritual é exposta especialmente na notícia número 26, intitulada *Deveria a Rússia assumir sozinha a destruição do ocidente* e se desenvolve nos trechos

O sentimento da enormidade da Rússia e do enorme poder do seu Estado está vivo (continua a viver) na consciência pública russa. Estamos habituados a sentir-nos fortes e capazes de resolver grandes problemas de política externa. As vitórias históricas sobre nômadas, polacos, suecos, Napoleão e Hitler habituaram-nos a respostas activas e esmagadoras aos desafios geopolíticos dos nossos oponentes. O papel de alternativa aos conquistadores mundiais desenvolveu-se na nossa história de forma bastante reativa, sem iniciativa artificial por parte da própria Rússia.

Os candidatos à dominação mundial nunca passaram pelo Estado russo. E a Rússia teve de superar as suas ambições geopolíticas inadequadas numa longa luta pela sua existência.

A luta pela sua liberdade nacional levou a Rússia a um subproduto político –

o esmagamento de hegemonias agressivas mundiais ou regionais.

A situação actual na Ucrânia ou, como dizem agora, o confronto com o “Ocidente colectivo” parece enquadrar-se na tradição acima referida. Isto significa que é necessário esmagar a nova “horda ocidental” agressiva, atacando Varsóvia, Berlim, Paris e depois, por esta lógica, Washington.

Nesse trecho, é interessante notar os paralelos entre as guerras napoleônicas, Segunda Guerra Mundial e a ideia da Rússia como um freio para “os conquistadores mundiais”. Apesar da notícia começar com esses trechos, é interessante notar que a organização não defende a escalada militar contra o ocidente, mas sim que o ocidente está destruindo a si próprio, nos trechos:

Precisamos assumir sozinhos a tarefa campeã adicional de demolição militar do Ocidente? Se os Estados Unidos estiverem em declínio, isso acontecerá sem qualquer guerra direta com este estado. Além disso, a China, a Índia e outros países do mundo devem dar o seu contributo para esta questão, aumentando a concorrência. Não há necessidade de tentar resolver o problema mundial comum sozinho, com a ajuda da heroica angústia russa ou de riscos irracionais.

O Neo-Ocidente degenerado e não-cristão moderno pode entrar em colapso mesmo sem os nossos ataques nucleares. Do Ocidente clássico, tudo o que resta são as sombras desencarnadas do passado e os demônios encarnados do presente.

É muito mais importante treinarmos a paciência política, pensando mais em salvar a nossa população. Aprenda a resolver eficazmente os seus problemas internos nacionais. Está ao nosso alcance estabelecermo-nos em casa à maneira russa, fortalecendo-nos internamente tanto quanto possível, e só então estabelecer objetivos de política externa realisticamente alcançáveis para o país.

É interessante notar que, apesar desse conflito contra o ocidente, a organização é a favor de um conflito indireto contra os inimigos externos, enquanto o país deveria focar na sua fortificação interna.



Para a ROVS, o conflito da Rússia com o Ocidente, e essa “conspiração” para a destruição viria desde os tempos da guerra civil no país, e do suposto apoio de forças internacionais aos bolcheviques. Segundo esse discurso, a Rússia, durante toda sua História, seria uma força contra a hegemonia do Ocidente. Esse discurso da organização claramente tenta estimular um sentimento de “cerco”, que é uma constante na História da Rússia. Nesse aspecto, o discurso se alinha com o do governo, apesar do governo o fazer de maneira bem menos radical, vendendo a guerra na Ucrânia como um conflito existencial. Essa conspiração do Ocidente é até observada em conflitos internos na Rússia, como o motim do grupo Wagner em 2023 e em como ele foi noticiado na publicação 25:

É óbvio que a atuação do Wagner PMC, que começou na noite de 23 para 24 de junho deste ano. – há uma rebelião armada direta que faz o jogo dos inimigos externos da Rússia. E os inimigos da Rússia não deixarão de tirar partido da situação atual. Agora só podemos adivinhar quem está realmente por trás dos rebeldes. Mas é muito característico que a retórica que usaram seja surpreendentemente remanescente da retórica “revolucionária” -criminosa de há mais de 100 anos: “abaixo os ministros czaristas incompetentes”, “os generais czaristas precisam da guerra para receber patentes e ordens”, “são liderados por traidores”, “os de cima engordam”, “os soldados morrem em vão”, etc., etc. A Rússia lembra tudo isso dos acontecimentos de 1917. Enquanto ele se lembra de suas amargas consequências.

É interessante notar os paralelos que a organização lança com o ano de 1917, e com o colapso do exército imperial. Além disso, há um fio da “grande conspiração” deixado claro no trecho “*Agora só podemos adivinhar quem está realmente por trás dos rebeldes*”. Também há dúvida quanto aos reais objetivos da revolta, o que pode ser visto no trecho que argumenta que tal movimento é expressamente traiçoeiro:

A revolta dos “wagneritas” na retaguarda do Exército Russo ocorre num momento em que a contra-ofensiva das Forças Armadas da Ucrânia continua na frente, e as declarações públicas de Prigozhin, que liderou a rebelião, na verdade não mais diferem das declarações da propaganda oficial do regime de Kiev. Tudo isto é uma TRAIÇÃO direta contra a Rússia e os seus interesses nacionais, independentemente dos motivos “nobres” e “patrióticos” pelos

quais os rebeldes explicam as suas ações criminosas, independentemente dos slogans e bandeiras sob os quais se expõem.

Aqui, é interessante notar a defesa da ROVS ao governo quando fala dos *slogans* utilizados na revolta de Prigozhin<sup>38</sup> que, entre outras demandas, fala sobre a extrema corrupção no exército e no governo em relação à conduta da guerra na Ucrânia, em contraste a manifestos de anos anteriores da organização que criticam o governo pelos exatos mesmos motivos e falam sobre a grande corrupção do “governo da nomenclatura e lubyanka” (2005 regulamento/manifesto). Na notícia 24, a tal conspiração do Wagner com o ocidente, apenas o título, *Porque a rebelião do grupo Wagner poderia se transformar num golpe da OTAN para a desnuclearização da Rússia*, já explicita o discurso muito bem. No decorrer da notícia, argumenta que diversos exercícios da OTAN estavam acontecendo nas fronteiras da Rússia durante os dias 23 e 24 de junho (os dois dias da rebelião do Wagner) e que unidades militares Ocidentais estavam sendo movidas para as fronteiras da OTAN e da Rússia, encerrando a notícia com um possível cenário da conclusão dessa conspiração.

Os Estados Unidos e a OTAN estavam cientes de antemão da possibilidade de um motim militar e de um golpe de estado na Rússia. O seu resultado seria, no mínimo, a neutralização do Ministro da Defesa Shoigu e do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas Russas, Gerasimov, apontados por Prigozhin como “extremos”. Isto por si só privaria Moscovo da oportunidade de lançar um ataque nuclear de retaliação. É muito provável que o programa máximo dos rebeldes fosse a derrubada do atual chefe de Estado. Isto, conseqüentemente, redefiniria completamente toda a liderança político-militar do nosso país a partir de dentro.

Os “parceiros ocidentais” claramente não pretendiam perder esta oportunidade única, para a qual pré-implantaram os seus SSBNs e aeronaves, táticas e estratégicas, na Europa para lançar um ataque nuclear preventivo que destruiria imediatamente os principais objetos da Rússia “tríade nuclear”. Simplesmente não haveria oportunidade física para responder plenamente ao inimigo se os rebeldes neutralizassem as três primeiras pessoas na hierarquia militar responsáveis pelas “malas nucleares”. É possível que já em 25 de junho

---

<sup>38</sup> Transcrição e tradução do discurso de Prigozhin para a língua inglesa, disponível em: <https://lavocedinyork.com/en/news/2023/07/01/chaos-in-russia-transcript-of-prigozhin-and-alexeyevs-negotiations-to-end-the-march/>

a Aliança do Atlântico Norte pudesse ter desferido um ataque desarmante à Rússia com o objetivo de “desnuclearizá-la”, e a derrota militar no terreno das Forças Armadas Russas, privadas de comando e de toda a infra-estrutura traseira, teria sido concluída pelas Forças Armadas da Ucrânia.

Apesar da falta de qualquer evidência do envolvimento de serviços externos na rebelião do grupo Wagner, o discurso da conspiração ocidental é envolvido até em questões internas do país e serve para mudar a atenção das questões da corrupção levantadas por Prigozhin.

### 4.3 As questões militares

A ROVS desde 2014 é pesadamente envolvida no conflito do Donbass, e agora com as grandes ofensivas russas e ucranianas há uma grande quantidade de publicações notícias da guerra da Ucrânia. É perceptível que essas publicações nunca levantam esses pontos sobre corrupção ou incompetência da liderança do exército. Sem entrar em detalhes quanto aos debates sobre doutrina militar, é perceptível no conteúdo da notícia 5, intitulada *Sobre a necessidade de formar grupos de artilharia para isolar a área de combate*. Ali, não há nenhuma crítica a como a guerra está sendo travada pelo lado da Rússia, e sua narrativa busca mostrar as competências dos exércitos russo e ucraniano no quesito de artilharia e como isso molda o cenário da guerra. A publicação número 8, intitulada *Velocidade de Fuga*, fala sobre os aspectos da guerra posicional na Ucrânia e faz comparações com a Primeira Guerra Mundial e os conflitos de artilharia e de mobilidade de reservas; nessa publicação, não há nenhuma crítica ao jeito com que as autoridades russas conduzem o conflito, e apenas os aspectos de organização são abordados. A parte da condução do conflito recente pela Rússia começa no artigo número 9, *Velocidade de Fuga, continuação*, cita algumas das deficiências do exército russo:

Normalmente, toda a artilharia que está na zona ofensiva de uma divisão americana e dentro do alcance do fogo real das armas pesadas da divisão é destruída dentro de algumas horas a partir do momento em que o fogo é aberto. Completamente. Não são possíveis duelos de artilharia de 100 dias contra os americanos, pelo menos foi o caso na sua última grande guerra. Aqui só não quero comentar nada nem apontar o dedo para ninguém. Mas o que fazer é, em princípio, claro. Se de alguma forma introduzirmos na prática métodos ocidentais de combate à artilharia de pelo menos 30-40 anos atrás, poderemos eliminar rapidamente o último problema que retarda o avanço das tropas - a necessidade de atacar um sistema de fogo não suprimido.

Apesar de apontar as deficiências, a publicação não chega a indicar os responsáveis por essas questões. A publicação apenas aponta algumas das consequências que tais deficiências tem na posição da Rússia no conflito e em sua postura interna e internacional, como explícito no trecho:

E tudo isso também tem consequências. Quanto mais lento for o progresso, mais a Ucrânia mobilizada à força enviará para o abate. É bastante óbvio que

em Kiev eles não planeiam vencer, mas precisam de alguém morto em cada família, para que durante várias gerações nenhuma paz seja possível entre russos e ucranianos, e o nosso ritmo de avanço jogue a seu favor. Eles precisam que o maior número possível de russos mobilizados morra sob o fogo, para que a parte oriental da antiga Ucrânia, que eles nunca consideraram sua, seja destruída “a zero”, para que em vez de cinco crateras de bombas guiadas no edifício, as cidades de Donbass ficassem em ruínas. Eles se beneficiam da maneira como avançamos.

O nosso ritmo também beneficia os Estados Unidos, que querem mergulhar toda a Eurásia na crise e que precisam de prolongar (e não acelerar!) esta guerra. Beneficiam a todos, exceto a nós, e precisam de ser construídas e aceleradas por todos os métodos disponíveis. Por exemplo, os listados acima.

Não há nada impossível nestas medidas, e apenas o fator humano e nada mais pode impedir a sua implementação. Sim, temos problemas monstruosos com ele, como descobrimos. Mas eles deveriam começar a ser resolvidos em algum momento?

Segundo a publicação, essas deficiências do exército russo criaram condições que beneficiariam o governo Ucraniano e seus patrocinadores externos.

Para a ROVS é preciso haver uma reorganização do método de ofensiva russa; essa reorganização seria essencial para que novos territórios da Ucrânia sejam conquistados pela Rússia.

Para analisar essa face do discurso, é importante contextualizar como o envolvimento da ROVS nas questões militares da Rússia começa já em 2014. Seu ativismo militar começou a ganhar força após o ingresso de membros da organização às milícias separatistas do Donbass, apesar do separatismo a primeira vista parece incompatível com o discurso da organização como o separatismo do Donbass tem como objetivo a junção dessa região a Rússia a ROVS o vê como um movimento legítimo contra o governo “anti-russo” da Ucrânia. Essa inserção se iniciou 2014 quando voluntários da ROVS, incluindo Ivanov, vão até o Donbass e participam da criação das milícias. O ano de 2014, para a ROVS e outros movimentos nacionalistas, é chamado de “primavera russa” (aqui possivelmente uma comparação com a “primavera árabe”) que, no discurso nacionalista, marca o início do retorno da Rússia às potências mundiais depois do colapso soviético. Também é descrito como o momento em que o povo da Rússia, os

nacionalistas étnicos dando aqui uma grande ênfase, começa a “recuperar seu destino”. O governo russo, a partir de 2014, com a tomada da Criméia pelos “homenzinhos verde”<sup>39</sup> abre as suas movimentações contra o ocidente e a expansão da OTAN, abrindo novas frentes de competição. Além da tomada da Criméia, o governo russo também patrocina os separatistas russos (rebeldes do Donbass que pretendem se separar da Ucrânia se juntar a Rússia), e facilita a ingresso dos nacionalistas às milícias do Donbass. O avanço sobre a Criméia e os discursos do governo no período foram enxergados como uma “guinada” para os discursos dos nacionalistas étnicos (Kolsto Pal et al 2015). Em sua biografia, Boris Ivanov diz ter servido em diversas batalhas na guerra, e em algumas publicações passadas da ROVS há fotos que comprovam que ele esteve em certas localidades importantes do conflito. Além disso, diversos obituários ou atualizações sobre membros da organização ou personalidades próximas mencionam os combates na Ucrânia, como na publicação número 2, intitulada *Ordem à União Militar Com da Rússia de 14/8/2023*. Essa publicação parabeniza o segundo vice-presidente da ROVS, que foi ferido nos combates na Ucrânia, e o premia com uma medalha da organização.

Com o início da guerra aberta com a Ucrânia em 2022, a organização também se envolve na disputa de narrativas sobre as movimentações militares do país. Grande parte das publicações tentam justificar a dificuldade do avanço russo contra o exército ucraniano. A maioria das postagens que abordam esse ângulo tentam reforçar as vantagens que o exército russo tem em relação a Ucrânia e ressaltar os defeitos das táticas e estratégias ucranianos. Em contrapartida, nada se fala sobre corrupção ou incompetência do lado russo. Ainda no campo da política externa, a ROVS se vê a favor das alianças com o Irã e a República Popular da China, apesar de criticar a maneira de como essas alianças são mantidas; há, porém, uma grande desconfiança para com o governo comunista da China.

---

<sup>39</sup> O fenômeno dos “homenzinhos verdes” se refere a tomada de postos militares na Criméia em 2014 por homens uniformizados e militarmente organizados, porém sem nenhuma insígnia de país ou identificação de unidade militar.

#### 4.4 As questões internas, imigração e conexões externas

Uma grande diferença do discurso da ROVS para o discursos do governo é justamente a presença de um inimigo interno na Rússia, a ROVS vê o presente governo da Rússia como uma “ocupação” do país pelos interesses dos oligarcas e, apesar de ter alguns acertos em política externa, está levando o país para o fracasso. Nas questões internas, um dos pontos ressaltados pela ROVS é um discurso anti-imigração. Várias notícias e artigos de opinião veiculados pelo site são explicitamente contra a imigração de trabalhadores estrangeiros da Ásia central, e até de imigração interna do Norte do Cáucaso, para as partes centrais da Rússia. Algumas publicações do site se ressaltam as diferenças entre os russos e os imigrantes, e em como o estado russo está “vendendo sua identidade” para agradar os imigrantes. Na publicação número 6, intitulada *“Tolerância tímida não leva ao bem”*, há um grande exemplo dessa questão. Essa publicação fala sobre a mudança do brasão da Rússia no site do Kremlin e outras logomarcas. Já é possível entender o argumento da publicação pelo seguinte trecho.

Além disso, a maioria dos migrantes não foi de forma alguma tocada pelas cruzes. Apenas os mais rebeldes e radicalizados, professando o wahhabismo e obcecados pela russofobia, foram afetados. Então eles decidiram “bajulá-los” preventivamente.

Preciso dizer que no Oriente isto é percebido inequivocamente - como uma fraqueza que precisa ser usada para exercer a pressão final? Por exemplo, remover todos os templos, em princípio, é demais. Ou transformá-lo em uma mesquita.

Mas o mais importante é por que razão há necessidade de falar sobre valores tradicionais, se na realidade isso se transforma em tentativas tão desagradáveis de apagar a percepção da Rússia como um país historicamente cristão e ortodoxo?

Por que precisamos de comparações constantes que “no nosso país, não como no Ocidente”, se na realidade tal abominação não é diferente das políticas dos países europeus que proíbem as crucificações e propagam o ateísmo? Nenhuma resposta. Apenas emoções.

É possível perceber no trecho o discurso anti-imigrante e anti-islâmico e o discurso de que o governo está removendo símbolos cristãos de sua “identidade visual” a fim de apagar os valores tradicionais no país para agradar aos imigrantes. Além disso, há o discurso de comparação com o Ocidente, que é criticado pelo jeito com que o mesmo lida com a imigração. Essa crítica pode ser observada na publicação número 22, intitulada “*O que está a acontecer na França é uma lição para a Rússia*”. O texto, que fala sobre conflitos na França entre o governo e protestos da população, já abre com trechos que criticam duramente a política europeia e “alertam” quanto ao que pode chegar à Rússia:

Como se zombasse do bom senso e dos sentimentos do povo francês chocado com a turbulência, o presidente Macron disse que os tumultos surgiram devido às redes sociais e aos videogames, já que alguns jovens copiam a crueldade daí, “perdendo o contacto com a realidade”. É claro que alguns jogos de computador incitam à violência, mas tais coisas desempenham um papel secundário em comparação com a política do governo de povoar a França com milhões de parasitas e criminosos estrangeiros que servem de terreno fértil para motins. Ou seja, é claramente visível que o regime de Macron vai continuar o reassentamento massivo de povos no país, mergulhando-o no caos, na pobreza e no crime, destruindo essencialmente o povo francês e a sua cultura. Por um lado, Macron está a abalar a estabilidade interna de França ao dissolver a população indígena ao importar migrantes e, por outro lado, está a causar enormes perdas económicas ao aderir ao país ao sistema de sanções americanas contra a Rússia.

No entanto, isto não significa de forma alguma que este estado entrará em colapso em breve ou que o governo existente começará a se comportar de forma mais eficiente. Este governo comporta-se de forma eficaz e lógica, só que a sua lógica é completamente diferente de seguir os interesses da França como um Estado soberano. Na verdade, tais motins raciais irrompem periodicamente em todo o mundo ocidental, como num estalar de dedos enlavados de branco, e depois terminam de forma igualmente abrupta num sinal invisível, quando a tarefa dos arquitectos invisíveis do motim está concluída. Depois de cada uma destas revoltas, os órgãos repressivos locais tornam-se geralmente mais fortes, os direitos dos cristãos brancos são ainda mais violados e o aparelho estatal local torna-se ainda mais dependente de estruturas supranacionais. Tudo está de acordo com o programa de uma



conhecida seita totalitária, que proclamou o slogan: “Nova ordem através do caos controlado”. Houve grandes motins semelhantes em França em 2005 e, na sua esteira, Sarkozy, controlado pelos globalistas, ascendeu à presidência, fazendo-se passar por um “tradicionalista” e uma “mão forte”. E em 2012, na sequência dos motins de migrantes, foi derrotado nas eleições por Hollande, que era ainda mais controlado por estruturas supranacionais do que Sarkozy.

Aqui, o discurso anti-imigração já é bastante claro, quando levanta os pontos de “substituição da população” que teria como objetivo a destruição da França. Além disso, há mais uma vez a menção à teoria da conspiração que os problemas na França são parte de um plano de uma “seita totalitária” da “nova ordem mundial” e que tudo seria planejado para que as forças do Estado fossem viradas contra a “população indígena branca” da França. O texto, usa desses protestos na França para trazer o discurso em direção ao verdadeiro inimigo da Rússia, os Estados Unidos, no trecho:

Como sabem, há vários anos os Estados Unidos foram abalados por pogroms de racistas negros do movimento BLM, que minaram a autoridade do relativamente conservador Trump e ajudaram o “democrata”-globalista Biden a chegar ao poder. Está agora definitivamente provado que o BLM foi financiado por grandes corporações que apoiam os globalistas do Partido Democrata. Embora, é claro, os motins não visassem apenas resolver problemas políticos imediatos na forma da vitória do Partido Democrata nas eleições presidenciais. Este foi mais um passo na construção de um sistema de opressão dos cristãos brancos que criou a América, mais uma etapa na transformação final dos Estados Unidos num instrumento contundente das forças globais do mal.

Mas depois das eleições, a liderança do Partido Democrata decidiu que os seus “ativistas” negros contratados já tinham completado a sua tarefa principal e depois tornaram-se indisciplinados, o que poderia representar uma ameaça para o regime de Biden. Portanto, decidiu-se colocá-los em seus devidos lugares, inclusive expondo suas fraudes e roubos, o que desonrou os “ativistas” desobedientes e causou conflitos civis neste movimento. E na Califórnia, onde os “democratas” dominam há muito tempo, foram instaurados processos criminais contra os principais ativistas do “BLM”, acusando os lutadores pelos direitos dos negros de desviarem fundos que

recolheram no valor de 60 milhões de dólares. Casos semelhantes foram abertos em muitos outros estados e os tumultos terminaram abruptamente. Embora se o pessoal de Trump tivesse feito algo semelhante, todos teriam sido rotulados de “racistas” e “fascistas”.

Pode-se observar nesse trecho o uso dessa conspiração contra o atual governo dos Estados Unidos, nas figuras do partido Democrata e do presidente Joseph Biden. A organização usa o discurso de que o movimento “Black Lives Matter” teria sido financiado não só para eleger Joseph Biden, como também para enfraquecer a população branca dos Estados Unidos, que suportariam projetos contrários ao “globalismo”. É importante analisar que essa publicação cita fatos que nada tem a ver com a Rússia propriamente dita, mas servem para “embasar” as “conspirações contra a Rússia” e seus perpetradores. Além disso, defendem em parte o ex-presidente Donald Trump como uma figura que seria contrária a essa conspiração. Apesar de não o fazer de forma explícita, o texto da publicação pode ser bastante útil em trazer pessoas dos países ocidentais, que acreditam nessa mesma conspiração, para o lado da Rússia no sentido geopolítico, já que ela seria uma antítese dos “globalistas”. Outra publicação que vai nesse sentido de falar sobre a “conspiração” em outros países é a publicação número 7, intitulada “*O Regime de Scholz suprime a liberdade*”, que fala sobre questões na Alemanha. A partir do seguinte trecho é possível notar as mesmas mensagens conspiratórias.

O governo alemão transforma pessoas indesejáveis em “extremistas”.

Em 21 de Setembro, o chanceler alemão Olaf Scholz falou na tribuna da ONU, atacando a Rússia pelo “imperialismo” e, como sempre, gritando sobre a luta pela liberdade, da qual o Ocidente é retratado como o padrão. Entretanto, as suas próprias estruturas dentro da Alemanha estão a destruir as últimas liberdades, a perseguir opositores e a compilar listas negras de alemães que discordam das políticas do regime dominante, que são de natureza profissional. Além disso, o regime declarou os dissidentes “extremistas”, classificando como tal cerca de um terço (!) da população alemã. Hoje em dia, a Fundação Friedrich Ebert, proibida na Rússia e associada ao Partido Social-Democrata no poder de Scholz, realizou uma extensa pesquisa para identificar o número de tais “extremistas” e gritou horrorizada que eles estão a tornar-se cada vez mais numerosos. Na verdade, apesar de toda a política de lavagem cerebral aos alemães, alguns deles começaram a ver a luz, observando com

raiva a política antipopular do regime de Scholz, que está a destruir a economia alemã, rompendo os laços com a Rússia por razões políticas e trazendo para o país com enormes massas de “refugiados”, aumentando a criminalidade e drenando fundos sociais.

É verdade que, na maioria das vezes, os dissidentes na Alemanha são simplesmente expulsos do trabalho com uma multa, caindo para o fundo social. Assim, em setembro deste ano, uma professora primária que criticava as autoridades na Internet foi despedida do seu emprego numa escola em Brandemburgo. O Gabinete de Brandemburgo para a Proteção da Constituição disse a este respeito que a publicação onde ela fez as suas declarações “divulga teorias da conspiração, visa derrubar a ordem democrática livre básica e é claramente extremista de direita”. E que os membros do grupo “podem ser chamados de “inimigos do Estado”. E esse inimigo do Estado está atualmente a ensinar crianças numa escola primária em Brandemburgo”. A mulher atuou de peruca e sob pseudônimo, mas isso não a ajudou: os vigilantes cavaleiros da capa e da adaga, sem prestar atenção ao grande número de crimes reais ali cometidos pelos migrantes, identificaram o patriota alemão e pegaram um lápis . O pobre professor foi imediatamente demitido e a demissão foi acompanhada de perseguição na mídia. O jornal Tagesspiegel condenou-a especificamente por promover “teorias da conspiração” sobre a atividade criminoso maçônica. Esta é uma sedição especial na Alemanha, onde esta seita totalitária, patrocinada abertamente por Olaf Scholz, é um partido de partidos, permeando o aparelho de Estado, como o PCUS na União Soviética.

E na escola primária e secundária Mina Witkoitz, no mesmo estado de Brandemburgo, os serviços especiais estão a investigar outro “crime monstruoso”: desconhecidos retiraram a bandeira arco-íris dos pervertidos do mastro da escola e hastearam uma bandeira alemã no seu lugar.

Nesse trecho, é possível observar que a publicação apoia as teorias que tais professores ensinavam nas escolas, e compra sua narrativa de perseguição do governo alemão a tal “verdade oculta”. Além disso, aproveita dos problemas econômicos alemães e os associa com a quebra de relações com a Rússia, que seria a única potência contra essas conspirações. Além disso, no próximo trecho há uma narrativa interessante a ser explorada:

Os serviços de inteligência de Scholz já estão declarando “extremistas” estruturas públicas inteiras e ramos que operam legalmente dos partidos da

oposição.

O Gabinete para a Protecção da Constituição no estado de Brandemburgo reconheceu a organização juvenil do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD) como envolvida em actividades extremistas. O departamento considerou comprovado o extremismo nas fileiras da organização Junge Alternative. Segundo o departamento, em Junge Alternative 90 pessoas foram consideradas extremistas em 2022, e em toda a AfD - 730 pessoas.

E, no entanto, apesar de todos os truques do regime ditatorial, a AfD, que se opõe a Scholz, é mais popular do que nunca. Os institutos de investigação de opinião pública Forsa e GMS estimaram novos valores recorde para o partido da oposição em 22 e 23% do apoio público, respetivamente. Sim, a Alemanha ocupada não pode derrubar sozinha o regime pró-americano. No entanto, a minoria pensante, que também está a crescer constantemente, por mais “extremista” que seja declarada, ainda impede de alguma forma as autoridades de realizarem sabotagem contra os povos alemão e russo.

Aqui, é interessante notar a posição pró-AFD (Alternativa para Alemanha) que a ROVS propaga. O AFD é um partido político descrito como de extrema direita na Alemanha (Decker 2016). O partido é fortemente contrário à imigração em países da União Europeia, e tem posições pró-Rússia em questões contra o sistema ocidental. Esse aceno para o AFD dado pela publicação é interessante, pensando que tal retratação da AFD pode servir para buscar uma aliança entre forças de direita na Rússia e em outras países da Europa, que seguem as mesmas teorias conspiracionistas quanto na Rússia, e que os “globalistas” seriam uma ameaça aos povos cristãos da Europa.

Uma das poucas publicações que fala sobre imigração na própria Rússia é a número 18, intitulada “*Escalpos cadáveres: os imigrantes impõem as suas regras à Rússia*”, que começa com o trecho:

O endurecimento da legislação relativa aos trabalhadores migrantes tem sido discutido há vários anos. A história acalmou um pouco com a pandemia, quando a entrada de trabalhadores convidados foi fechada por restrições, mas ressurgiu com o início de uma operação especial. Existe a sensação de que o bloco económico do governo, que defende a expansão da presença de migrantes no mercado de trabalho, tem poderes ilimitados.

Estes incluem o Ministério do Desenvolvimento Económico, o Ministério do Trabalho e Desenvolvimento, bem como o Ministério da Construção e o Live Journal. Até os responsáveis agrícolas são a favor de uma entrada ainda mais simplificada de mão-de-obra estrangeira. Existem caretas de uma economia de mercado no sentido mais triste - ganhar o máximo possível com um custo mínimo. Ninguém está interessado no efeito social da importação de mão-de-obra barata. O principal é obter favores e demonstrar uma gestão eficaz.

Nesse trecho, há uma grande crítica à “ala econômica” do governo, que usaria desses imigrantes para impulsionar o crescimento econômico às custas da população russa. O trecho seguinte fala dos supostos lados negativos dos trabalhadores imigrantes.

Tradicionalmente, as forças de segurança são minoria, forçadas a limpar a sujidade dos criminosos dos países vizinhos. Mas poucas pessoas ouvem o Ministério da Administração Interna e a Guarda Nacional. Parece que o princípio funciona: “nós pagamos pelo seu trabalho, então faça o seu trabalho”. As forças de segurança estão agora geralmente a trabalhar em modo de emergência em conexão com a operação especial. Alguns especialistas estão na frente e alguns estão ocupados procurando cúmplices ucranianos na retaguarda russa. O fluxo de migrantes da Ásia Central cria dificuldades adicionais e não se fala em expansão da força de trabalho.

No final, o país consegue o que consegue. Os relatórios das frentes sobre a ilegalidade da migração são atualizados diariamente. O último abalou todo o país.

Nesse trecho, já é possível ver a desconfiança que se tem com os imigrantes, e no trecho seguinte o que “o país consegue” é explicitado:

Em Elektrostal, perto de Moscovo, um grupo de visitantes não gostou do penteado de um russo que veio fumar um cigarro. Uma pequena escaramuça e o infeliz rapaz de 19 anos foi escalpelado em plena luz do dia. A cinquenta quilómetros de Moscovo.

Recentemente, ficámos horrorizados com os drones ucranianos que voam para o centro da capital, e aqui os russos estão a ser escalpelados na região de Moscovo. E se ainda não podemos influenciar directamente a ilegalidade do

regime de Kiev, então livrar-nos dos recém-chegados deslocados está definitivamente ao nosso alcance.

Devemos dar crédito às forças de segurança: elas capturaram os suspeitos com bastante rapidez. Zafar, do Tadjiquistão, estava escondido em Obninsk, e o segundo - Ilya - era da República Komi, e parece que ele não estava realmente se escondendo - eles o amarraram no próprio Elektrostal.

Não há desejo de provocar histeria, mas a presença de um russo na gangue indica a disseminação da ideologia bárbara entre a população indígena do país. Não devemos surpreender-nos se, em violações colectivas e assassinatos cometidos por trabalhadores convidados, o número de cúmplices russos nativos só aumentar.

É interessante notar a comparação que é usada, quando o crime de um imigrante é comparado a um ataque perpetrado por um país estrangeiro. Ao mesmo tempo que, quando falam do cúmplice etnicamente russo do criminoso, argumentam que ele teria sido influenciado pelo imigrante tadjique e que, por essas influências dos imigrantes, mais russos seriam seduzidos ao crime. Ao decorrer da publicação, mais crimes cometidos por imigrantes são explicitados, porém as especificidades não vêm ao caso. No final da notícia, o ponto que quer ser passado é o mesmo. A ideia da publicação é que os imigrantes se aproveitariam das oportunidades oferecidas na Rússia para entrar no país e cometer crimes. Além disso, sempre ressalta a religião do islã dessas populações que dizem ser incompatível com o modo de vida cristão ortodoxo da Rússia central. As discussões sobre a imigração são interessantes ao serem contrastadas com o uso do termo *Narodnost que* deveria implicar na nacionalidade e lealdade ao estado nacional sem levar em conta fatores religiosos ou étnicos.

Apesar do uso desse termo e a falta de um componente étnico para o nacionalismo Branco da guerra civil, dá é possível notar que a discussão sobre nacionalismo e etnicidade na Rússia chegou também no Movimento Branco que, em tese, deveria ser deslocado desse tipo de discurso. O uso dos imigrantes como parte dos problemas internos da Rússia também é interessante se analisarmos a falta de notícias sobre criminalidade feita por russos étnicos, o que mostra que a ROVS tenta associar a criminalidade que existe na Rússia diretamente aos imigrantes da Ásia Central, e os usa como argumento contra o governo, que estaria “importando” esses grupos em detrimentos dos trabalhadores russos.

## 10. CONCLUSÃO

Desde 2014 e do início da primavera russa, a ROVS mudou sua maneira de agir politicamente. Pela primeira vez em 70 anos, a organização conseguiu botar em campo unidades militares leais ao Movimento Branco. Apesar disso, a organização não mudou sua forma de agir e ainda continua a focar no aspecto “social e discursivo” da sua militância. Apesar das fortes críticas ao governo e a política do país, incluindo o sistema político, a ROVS não se mobiliza como partido político, ou com candidatos a eleições. A ROVS continua apenas com seu trabalho político e historiográfico no intuito de mudar a percepção do público quanto à União Soviética, idealizar os tempos do império, e divulgar a ideia Branca. Mesmo com os aparentes conflitos com o governo, o discurso da organização não é estritamente direcionado a figuras políticas específicas, como o presidente Putin, e em todas as situações apenas o sistema, descrito de maneira impessoal, é criticado pela organização.

A maior parte das notícias veiculadas pela organização aborda polêmicas associadas à memória do tempo soviético. No presente, essas publicações dividem espaço com notícias antiocidentais, a partir do início do conflito da Rússia com o ocidente. Apesar dessa mudança, a organização ainda não conta com nenhum programa político claro, o que vem desde o Movimento Branco da guerra civil. A organização usa dos elementos religiosos e da fé ortodoxa para justificar grande parte do seu antiocidentalismo e expressa sua ideologia anti-liberal usando da religião, tal posição sendo bastante comum nas organizações nacionalistas russas, como descrito em Kolstø, (2015).

Esse antiocidentalismo é misturado também com teorias de conspirações contra a Rússia e os “povos da europa” por forças norte-americanas. Aqui a veiculação de notícias de fatos que acontecem em território dos EUA, França e Alemanha se torna extremamente importante. As várias conspirações citadas são também discursos comuns de movimentos de direita nos países ocidentais, assim é possível criar uma narrativa que os russos na verdade são aliados dos povos da europa contra essa elite, que é sempre retratada no centro das conspirações.

Assim a menção a partidos como o AFD alemão é ainda mais importante do que parece a primeira vista, uma vez que esse movimento de alinhamento do discurso com a direita internacional pode abrir espaço para organizações pró-Rússia ganharem espaço no discurso político, como aliados contra essas elites. Apesar da ROVS não aparentar nenhuma ligação política ou paramilitar com grupos de outros países outra organização russa, o RIM (Movimento Imperial Russo) possui campos de treinamento para estrangeiros em solo russo, e foi

classificado por diversos países como um gripe terrorista internacional. Assim esses discursos sobre questões fora da Rússia mostram que essa união de grupos com ideologias parecidas, e visões conspiratórias de mundo, é um fato a ser pensado no mundo ocidental. No próprio Brasil uma organização pró-Rússia, chamada Nova Resistência, teve seus membros investigados pelo governo dos EUA<sup>40</sup> por, segundo os EUA, espalharem desinformação pró-Rússia, pró-Hezbollah e pró diversos outros grupos considerados terroristas pelo mundo ocidental. Apesar disso não há nenhum indício de ligação direta da ROVS com nenhum grupo internacional, apenas apresenta ligações com organizações de memória ou da emigração e essas existem desde o fim da guerra civil.

Além de usar da religião, a ROVS busca na história do tempo imperial uma realidade ideal para contrastar a situação atual do país, propagando que todos os problemas presentes do país surgem com a revolução de 1917 e que apenas a volta de uma Rússia imperial idealizada nos valores tradicionais seria a salvação do país. Apesar de idealizar o sistema de *governo dado por Deus ao povo russo*, na forma do império, não há nenhum movimento para uma restauração da monarquia. Apesar de resolver a questão ideológica, a ROVS ainda parece estar presa em seu pequeno número de membros: o próprio *O Alarde* conta apenas com aproximadamente 9 mil leitores inscritos em seu site, o que impede a organização de realmente se projetar no cenário político, e por isso a organização realmente não precisa oferecer em seus discursos um plano de governo.

Na questão nacionalista, a ROVS se encontra numa posição interessante: apesar da sua idealização do império, a organização se vê obrigada a discutir questões normalmente adotadas por grupos nacionalistas étnicos, como a questão da imigração e dos nacionalistas ucranianos. A própria ideia de uma primavera russa já separa os russos e ucranianos em povos distintos, o que é contraditório com os discursos Brancos da unidade dos povos da Rússia. Apesar disso, a ROVS tenta conciliar os dois discursos usando a ideia de *ocupação ocidental na Ucrânia pós Maidan* como justificativa das aspirações ucranianas contrárias aos interesses da Rússia; com isso, consegue ser contra o governo ucraniano, mas não necessariamente contra a população ucraniana.

---

<sup>40</sup> Relatório sobre o grupo brasileiro “Nova Resistência” feito pelo departamento de estado dos EUA. Disponível em: <https://www.state.gov/relatorio-especial-do-gec-exportando-desinformacao-em-favor-do-kremlin-o-caso-da-nova-resistencia-no-brasil/>. Acessado em: 27/11/2023



## REFERÊNCIAS

- Asher, Harvey. “The Kornilov Affair: A Reinterpretation.” *The Russian Review*, 29, no. 3 (1970): 286–300. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/127537>.
- Bardin, Laurence. Análise de conteúdo: tradução Luís Antero, Augusto Pinheiro. São Paulo 2011. Edição 70ª.
- Denikin, Anton. *The Russian turmoil, Memoirs: Military Social and Political*. 1922. Toronto: Editora London Hutchinson. Disponível em: [https://www.gutenberg.org/files/43680/43680-h/43680-h.htm#CHAPTER\\_XXX](https://www.gutenberg.org/files/43680/43680-h/43680-h.htm#CHAPTER_XXX). Acessado em 25/06/2023.
- Decker, Frank. “The ‘Alternative for Germany’: Factors Behind Its Emergence and Profile of a New Right-Wing Populist Party.” *German Politics & Society*, vol. 34, no. 2 (119), 2016, pp. 1–16. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/43917411>. Accessed 15 Nov. 2023.
- Hobsbawm, Eric. *Nations and Nationalism since 1780 – Programme, Myth and Reality*. Cambridge University Press. 1998
- Geoffrey Hosking. *Russia: people and empire, 1552-1917*. Harvard University Press, 1997.
- Kolstø, Pål, and Helge Blakkisrud, editors. *The New Russian Nationalism: Imperialism, Ethnicity and Authoritarianism 2000–2015*. Edinburgh University Press, 2016.
- Kenez, Peter. *Civil War in South Russia: The defeat of the whites 1919-1920*. University of California Press, 1977. Londres.
- Laruelle, M. (2020). Ideological Complementarity or Competition? The Kremlin, the Church, and the Monarchist Idea in Today's Russia. *Slavic Review*, 79(2), 345-364. doi:10.1017/slr.2020.87
- MARIE, Jean Jacques. *História da Guerra Civil Russa: 1917 - 1922*. São Paulo: Editora XYZ, 2017. ISBN 1234567890.
- Page, Stanley W. “Lenin and Self-Determination.” *The Slavonic and East European Review*, vol. 28, no. 71, 1950, pp. 342–58. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4204138>. Acessado em 1 Oct. 2023.
- Podbolotov, Sergei. “MONARCHISTS AGAINST THEIR MONARCH: THE RIGHTISTS’ CRITICISM OF TSAR NICHOLAS II.” *Russian History*, 31, no. 1/2 (2004): 105–20. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24657737>.
- Robinson, Paul, 'ROVS', *The White Russian Army in Exile 1920-1941*, Oxford Historical Monographs (Oxford, 2002; online edn, Oxford Academic, 1 Jan. 2010).

Rzhevsky, N. (1996). *Russian Thought after Communism: The Recovery of a Philosophical Heritage*. Ed. James P. Scanlan. Armonk: M.E. Sharpe, 1994, 238 pp. *The Complex Legacy of Ivan Ilyin*.

Smele, Jonathan D. (2015). *Historical Dictionary of the Russian Civil Wars, 1916-1926: Volume 2 of Historical Dictionaries of War, Revolution, and Civil Unrest*. Rowman & Littlefield. ISBN 978-1-4422-5281-3.

Tromly, Benjamin. “The Making of a Myth: The National Labor Alliance, Russian Émigrés, and Cold War Intelligence Activities.” *Journal of Cold War Studies*, vol. 18, no. 1, 2016, pp. 80–111. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26925577>. Acessado em 25/06/2023.

Wrangel, Peter N. *Always With Honour: The Memoirs of General Wrangel*. Mystery Grove Publishing, 2020. ISBN 979-8695956818.

Zhuravskaya, Ekaterina. (2010). *Federalism in Russia*, No w0141, Working Papers, Center for Economic and Financial Research (CEFIR).

## APÊNDICE I

### Lista das publicações analisadas: (todas acessadas em 22/11/2023)

- 1) <https://pereklichka.livejournal.com/2670124.html#cutid1>
- 2) <https://pereklichka.livejournal.com/2794905.html>
- 3) <https://pereklichka.livejournal.com/2830197.html>
- 4) <https://pereklichka.livejournal.com/2829026.html>
- 5) <https://pereklichka.livejournal.com/2829949.html>
- 6) <https://pereklichka.livejournal.com/2827440.html>
- 7) <https://pereklichka.livejournal.com/2823855.html>
- 8) <https://pereklichka.livejournal.com/2822985.html>
- 9) <https://pereklichka.livejournal.com/2821137.html>
- 10) <https://pereklichka.livejournal.com/2670124.html>
- 11) <https://pereklichka.livejournal.com/2831946.html>
- 12) <https://pereklichka.livejournal.com/2831459.html>
- 13) <https://pereklichka.livejournal.com/2818929.html>
- 14) <https://pereklichka.livejournal.com/2808656.html>
- 15) <https://pereklichka.livejournal.com/2805361.html>
- 16) <https://pereklichka.livejournal.com/2801772.html>
- 17) <https://pereklichka.livejournal.com/2793410.html>
- 18) <https://pereklichka.livejournal.com/2778694.html>
- 19) <https://pereklichka.livejournal.com/2776651.html>
- 20) <https://pereklichka.livejournal.com/2773742.html>
- 21) <https://pereklichka.livejournal.com/2772034.html>
- 22) <https://pereklichka.livejournal.com/2769468.html>
- 23) <https://pereklichka.livejournal.com/2765357.html>
- 24) <https://pereklichka.livejournal.com/2764685.html>
- 25) <https://pereklichka.livejournal.com/2762426.html>
- 26) <https://pereklichka.livejournal.com/2761340.html>